

LUIZ CEBOLA

DIRECTOR-CLINICO DO MANICOMIO DO TELHAL

HISTORIA DUM LOUCO

ANALISADA SOB O ASPECTO PSICO-CLINICO



1926

LIVRARIA CENTRAL EDITORA
H. E. GOMES DE CARVALHO

14-A, AVENIDA ALMIRANTE REIS, 14-C

LISBOA

Sala A

Est. 13

Tab. 4

N.º 34

Ào neto copista de

Prof. Dr. Henrique de Vilhena

af. o velho amigo
sempre dedicado
Ernst Seldner

HISTORIA DUM LOUCO


Analizada sob o aspecto psico-clinico

COMPTON & LAWRENCE NA
IMPRENSA BELIZA
RUA DA ROSA, 20 A 100
LISBOA

No. 1000
Prof. Dr. Henrique de Almeida
de Almeida
Henrique de Almeida

HISTORIA DUM LOUCO

Publicada sob o pseudónimo de Henrique de Almeida



COMPOSTO E IMPRESSO NA
IMPRENSA BELEZA
RUA DA ROSA, 99 A 107
LISBOA

INV.- N

2789

274

LUIZ CEBOLA

DIRECTOR-CLINICO DO MANICOMIO DO TELHAL

HISTORIA DUM LOUCO

ANALISADA SOB O ASPECTO PSICO-CLINICO

PREFACIO 3.160



LIVRARIA CENTRAL EDITORA
RUA DO COMENDADOR
FRANCO DE CARVALHO

PC
MNLF
816
CEB



1926

LIVRARIA CENTRAL EDITORA
H. E. GOMES DE CARVALHO

14-A, AVENIDA ALMIRANTE REIS, 14-C

LISBOA

LUIZ CEBOLA

DIRECTOR CLÍNICO DO HOSPITAL DO UFRJ

HISTÓRIA DUM LOUCO

ANÁLISE SOBRE O ASPECTO PSICOCLÍNICO

3160



3/12/13

1950
 LIVRARIA CENTRAL EDITORA
 H. E. GOMES DE CARVALHO
 14-2 AVENIDA CONSULATORES Nº 11-2
 LISBOA

PREFACIO

PREFACIO

Não se encontra, ao correr a gama das perturbações emotivas, descritas anteriormente, nada que se compare á Dor Moral que este livro encerra. Jamais se evocou, em côres tão vivas, o terramoto duma alma que foi abatida pelo desvairo e se perdeu através um dédalo de conflitos insolúveis, mergulhando exausta no silencio, ao cabo de violentos paroxismos de angustia, desespero e terror.

Caso clinico interessantissimo, seria imperdoavel deixal-o oculto num arquivo de manicomio.

O heroi triste dessa larga historia de

infinita desolação por minha instancia a narrou, mal a consciencia, refeita de luz, emergiu da sua noite de quatro anos. Tudo quanto sentiu adentro do cranio em tumulto, rememorou com admiravel precisão e riqueza de pormenores.

Ler esse documento é ouvir o grito duma tragedia. Analisa-lo é dissecar, atingindo as proprias raises ancestrais, o inventario duma existencia torturada.

Ás novas e singulares revelações dum psiquismo que parecia morto, ajuntei o meu comentario — para aqueles que porfiam em descobrir os misterios do cerebro humano.

O radioso minerio, arrancado aos dominios obscuros desta personalidade estranha, vem hoje a publico. Ele servirá para clarear o fundo ideo-emocional da psique onde jazem todos os elementos duma distímia depressiva, desde o taedium vitae, acedia, spleen ou cafard até ás supremas vibrações das melancolias ansiosas, delirantes e alucinatorias.

Luiz Cebola.

Lisboa, Maio-1926.

HISTORIA DUM LOUCO

HISTORIA DUM LOUCO

Revista de Correspondencia estrangeira (diaria)
Cognição (Lombardi)

Edição - Solfero

Ataralga - Avó paterna, falecido aos 14
anos e 100 dias, vítima de uma congestão
cerebral nunca tendo sofrido de qualquer doença
mental ou nervosa. Avó paterna, falecido aos
16 anos e 100 dias, vítima de uma congestão
cerebral nunca tendo sofrido de qualquer doença
mental ou nervosa. Avó materna,

12. Como se disse no prefácio a *História dum louco*
esta obra foi escrita por um internado da Casa de Saúde de
Tribuna, após a sua cura.

Historia dum Louco ⁽¹⁾

Nome — A. M.

Idade — 55 anos completos (actualmente), quando aqui entrei, tinha 51 anos, completos tambem.

Profissão — Guarda-livros em algumas Casas Comerciaes e Companhias e noutras Chefe do Serviço de Correspondencia estrangeira (dactilografando tambem).

Estado — Solteiro.

Ascendencia — Avô paterno, falecido aos oitenta e tal anos, victimado por uma congestão cerebral, nunca tendo sofrido de qualquer doença mental ou nervosa. Avó paterna, falecida um pouco antes dos sessenta, de pneumonia, nunca tendo sofrido de doença mental. Avô materno,

(1) Como já disse no prefacio, a *Historia* que vai ler-se, foi escrita por um internado da Casa de Saude do Telhal, após a sua cura.

falecido de idade proxima dos cincoenta anos de idade, digo, ruptura de aneurisma, nunca tendo sofrido de doença mental. Avó materna, falecida aos oitenta anos de idade, de cachexia, não tendo nunca sofrido de doença mental. Pae, falecido aos sessenta anos de idade, de hemorragia cerebral; de doença mental nunca sofreu, mas apesar de nervoso, digo, robusto, era um tanto nervoso, irritando-se muitas vezes fortemente, por qualquer coisa, de insignificante importancia ou de pouca valia, mas isso nunca foi tido como doença, e sim como uma questão de genio ou temperamento, e era mesmo uma excelente pessoa. Mãe, falecida aos 74 anos de idade, de cachexia, nunca tendo sofrido de doença mental ou nervosa, antes conservando sempre o cerebro muito lucido, até *quasi ao momento* da sua morte.

Outros parentes — Em que se tivessem manifestado doenças que possam ser classificadas de mentaes ou nervosas, só tenho conhecimento dos seguintes casos: Uma irmã, aos 30 anos, solteira, atacada por alucinações mentaes, afirmando que grandes desgraças e calamidades iam desabar sobre toda a familia, (o que não tinha fundamento algum) com intervalos de grande tristeza e melancolia, não dormindo de noite e mostrando grande abandono e desprezo pelo vestuario, além, de se recusar bastantes

vezes a tomar as refeições, tendo também algumas excitações, mas ligeiras, o que, tudo, levou o medico assistente a aconselhar o seu internamento no manicomio de Idanha, o que se realisou em seguida, permanecendo ali 4 meses em tratamento e isolada assim do meio em que se lhe manifestára a doença, saindo ao fim desse tempo completamente curada e não mais sendo affectada de qualquer doença mental. Uma tia, do ramo materno, que nunca sofrera de doença mental, mas que na idade de 73 anos, vivendo em familia com minhas irmãs e comigo, começou a imaginar que se ia vêr na miseria e exausta de todo o recurso, sem que ninguém lhe valesse, para o que (apezar de não ter haveres ou bens seus proprios) não tinha fundamento algum, pois vivendo connosco e desejando nós assim conservá-la até á sua morte, não lhe faltaria alimentação, nem casa e vestuario, emquanto nós pudéssemos socorrê-la como tantas vezes se lhe afirmou, para a dissuadir dessa apreensão; além disso, não dormia de noite, levantando-se constantemente, falava em suicidar-se, e por fim recusou-se terminantemente a comer, pelo que houve necessidade absoluta de interná-la em Idanha, no manicomio, onde faleceu um ano depois, quasi na mesma; não sei, mas julgo que isto tudo passado com minha tia, não fosse propriamente

uma doença mental accidental, uma consequencia natural da sua avançada idade, talvez o que se chama *demencia senil*. Um primo, do ramo paterno, que aos 20 anos, foi atacado de grande melancolia e tristesa, não dormindo de noite, raramente falando e só o fazendo quando interrogado; era artista e por estes motivos teve que abandonar o trabalho; não chegou a ser internado em hospicio de alienados, tendo bastado ir para a terra da sua naturalidade (povoação rural) onde com algum receituário medico, distracção e passeios pelos campos, se curou radicalmente, tendo-lhe a doença durado apenas uns 3 meses e apesar de contar hoje 60 anos, nunca mais sofreu de qualquer doença mental. Uma prima, do lado materno, que sempre fôra nervosa, mas nunca tivera qualquer perturbação mental, aos 53 anos, vivendo com um seu irmão e uma sobrinha, que a mantinham e sustentavam, começou a imaginar que devido a ser fraca bastante e á sua idade um pouco adiantada, já pouco podia ajudar aos serviços domesticos e se estava tornando antes um estorvo e encargo para aqueles que a mantinham, e apesar de tal não acontecer, porque ainda ajudava regularmente a esses trabalhos e a familia, em cuja companhia estava, em caso algum deixaria de a socorrer, para o que tinha e tem meios sufficientes, entristeceu-se e impressionou-se de

tal forma com aquelas idéas, que tentou suicidár-se, atirando-se duma janela (3.º andar) para um pateo; felismente não morreu, apenas sofreu alguns ferimentos e contusões não graves, poucos dias depois confessou-se e reconheceu a sua alucinação e hoje acha-se (este caso deu-se ha 7 anos) completamente boa, como se encontrou, no que respeita à sua mentalidade, poucos dias após o referido acontecimento e fisicamente, um mês decorrido sobre êle. Não sei se este caso pode ser classificado de loucura ou doença mental, todavia deixo-o apontado, nessa duvida.

Data da minha entrada nesta Casa de Saude

Foi em 16 de Maio de 1918 pelas 6 horas da tarde aproximadamente (é esta a hora que calculo, mas talvez não seja muito segura em consequencia da grande perturbação de idéas em que vinha).

Notas que especialmente me dizem respeito

Doenças. — As primeiras doenças que me recordo de ter (aliás de pouca importancia) mas muito vagamente por não contar mais de 6 ou 7 anos, foram «sarampo» e «escarlatina.» De-

pois disso, e até aos 25 anos, só sofri algumas veses de ligeiras erupções cutaneas, com vermelhidão, que se manifestavam quando se aproximava a primavera, e desapareciam depois. N'aquella idade, não sei se devido ao excessivo trabalho que tinha a meu cargo, e que demandava bastante esforço mental, e tambem a irregularidade na alimentação (nas horas das refeições e na quantidade de alimento, talvez diminuta para reparar as forças dispendidas com o excessivo trabalho) fui atacado de «neurastenia» e «anemia» esta ultima parece que em pequeno grau, e segundo me recorde o medico tambem classificou a primeira de «esgotamento nervoso» e que se me manifestava por algumas insónias, tonturas, incapacidade para o trabalho, especialmente mental, pouco apetite, melancolia e pensamentos tristes, tornando-me esquivo ao convívio das pessoas estranhas á familia, falta de forças, sobretudo quando caminhava, quasi cambaleando e não podendo ir alem dum pequenissimo percurso, 100 ou 200 metros, a não ser descançando um grande bocado, intervalando com aqueles percursos. Com o tratamento adequado, que me foi preceituado, e consistiu em alguns tonicos, como glicerofosfato de cal, de ferro e de soda, lecitina granulada, tintura de kola e coca, arrehnal, descanso e ares de campo, regularidade nas refeições, ao fim de 2

mezes de tratamento estava bom completamente e retomei o trabalho. Depois dessa idade e até que aqui dei entrada, aos 51 anos, d'alguma importancia, em doenças, só tive mais uma vez ou duas, ataques de neurastenia, semelhantes ao atras descrito, mas mais fracos, bastando o glicerofosfato de cal, um pouco de descanso e passeios ao campo, para me restabelecer em 3 ou 4 semanas. Todavia, d'uma destas ultimas veses, não sei o motivo, foi-me receitada a lodalose em gotas, ás refeições, (10 gotas a cada). Tambem a ligeira doença cutanea, a que já fiz referencia, se me manifestou mais algumas veses, depois dos 25 anos, quasi sempre antes da primavera. Ainda, quando me foi receitada a lodalose, me foi mandada aplicar numa perna, uma liga, *bandage* ou especie de cinta, de que não sei o nome proprio e isto por ter começo de uma variz n'essa perna.

Ao fim de 2 ou 3 mezes, isso tinha desaparecido, ficando um levissimo sinal, e não precisando mais usar essa ligadura, caso que se passou ha 6 ou 7 anos.

Causas que motivaram o desvario mental

Surgiram no exercicio da minha profissão, em consequencia do pessoal de escriptorio que me estava subordinado em parte, mas que de ou-

tro lado recebia indicações do socio gerente da firma, trazer a escrita a cargo deles bastante confusa e desordenada apesar das minhas advertencias e instruções em contrario, sendo mesmo o referido socio o principal instrumento d'essa desordem, por fornecer muitas vezes incompletos, quasi incompreensiveis e caoticos os elementos e notas indispensaveis ao seguimento dessa escrita e por admitir para este genero de serviço pessoal inferior incompetente e sem o tirocinio preciso para bem dele se desempenhar, o que deu motivo, por algumas vezes a discussões azedas e troca de palavras asperas entre mim e o referido socio gerente. Estas foram as causas, e direi agora como elas começaram a actuar no meu espirito, até me levarem á perda (felizmente temporaria) da rasão, e mais o que se passou comigo (que me recordo) até entrar nesta Casa de Saude.

Inicio da doença mental, ideias e
actos desvairados a que me levou

Convencido que nada conseguia para restabelecer a boa ordem, claresa e regularidade na referida escrita, começou a sua desorganisação a tomar no meu espirito proporções muito maiores do que na realidade ela tinha (realidade que

eu então não admitia, por principiar já a desvairar) e como unica idea salvadora da preocupação moral em que me encontrava, sobretudo porque receava, apesar de eu não ter culpa dos erros ou faltas alheias, me fosse exigida a responsabilidade do desordenado e confusão da escrita, só ao meu espirito acudiu a idea de me demitir do cargo que exercia, apresentando ao socio capitalista, meu amigo, as causas que motivaram essa minha resolução.

Essa idéa, porém, repeli-a em seguida por me parecer que ela significava uma prova de fraqueza moral, uma especie de fuga, e ainda por estar convencido que da mesma forma que eu não conseguia ordenar e pôr a limpo as contas e escriturações da Casa, tambem outro o não conseguiria. Ocorreu-me ainda que apoz a minha saída, o socio gerente referido e o profissional que me substituisse, aquele porque eu lhe desagradava e este porque poderia ser creatura da sua feição e amizade, se levantariam em acusadores contra mim, socorrendo-se por fundamentos não terem, em alguma (rarissima) rasura que eu, para resolver qualquer engano que tivesse cometido, houvesse feito em algum livro auxiliar, ou em qualquer estorno por mim praticado por identico motivo, correcções estas triviais e permitidas em semelhantes casos e que não teem, de resto, importancia alguma nas

condições que deixo indicadas. Evidentemente o meu cerebro começava a perturbar-se, a raciocinar mal, por não aceitar a idéa de demitir-me como a unica pratica e visivel para me livrar de embaraços e dificuldades resultantes dos erros alheios, e por estar a preocupar-me se outro que me succedesse poderia ou não remover essas dificuldades e pôr a limpo e claro o assunto, ou seja a escrituração embaraçada. Assim, julguei-me achar metido num beco sem saída, numa especie de camisa de onze varas (como é costume dizer-se), convicção em que mais me firmei, por ter manifestado por algumas vezes ao referido socio gerente a impossibilidade de continuar seguindo essa escrita, com ordem e regularidade, quando os elementos de que tinha de servir-me, estavam desordenados e confusos, e ele me responder com palavras irritantes e insistir sempre em que eu continuasse com essa escrita, apesar do mesmo não querer ou não saber esclarecer todo esse montão de confusões e duvidas. Apesar de nela continuar trabalhando durante algumas semanas, a seguir aos factos que venho narrando, todos os dias depois de regressar a casa, á tarde, até ao deitar, durante as refeições, quasi toda a noite (pois pouco dormia) de manhã quando me levantava até chegar ao escritorio, na rua, em toda a parte emfim não pensava noutra coisa que não

fosse a maneira de sair da referida situação mas nada me ocorria que julgasse acertado, e estava emagrecendo e enfraquecendo-me notavelmente, não obstante comer bem, emagrecimento que algumas pessoas notavam, perguntando-me se estava doente e dizendo que tinha fisionomia de quem andava muito ralado e apouquentado. Além do definhamento que em mim se operava, sentia-me nervoso, quando entrava no escritório e enquanto ali me achava, tremiam-me muito as pernas, especialmente a esquerda, em tudo via confusão, caos e desordem (no que respeitava á escrita) apesar de, em algumas coisas, como agora o reconheço, não haver para isso grande motivo; parecia-me que o referido gerente, por vezes, quando me fitava, o fazia com olhares ameaçadores e rancorosos, não atinava com as somas nos livros, os traços fazia-os tortos muitas vezes, devido á preocupação mental constante sobre o mesmo assunto, e começava então a enganar-me (mas agora era-o realmente) com frequencia, em contas e lançamentos. Não há coisa alguma em procura de distracção, nem mesmo um jornal aos domingos, nada havia que pu desse distrahir-me, nem animatografos, nem movimento das ruas, nem passeios, nem as conversações com amigos e em familia; andava desassoçgado, agitado, tinha a sensação de que as refeições, embora,

por vezes, abundantes que tomava, passavam rapidamente do estomago aos intestinos, não demorando mais que uma hora a digestão naquêle orgão. (Isto não sei se poderia ser, como consequencia da agitação e preocupação quasi febril em que me encontrava).

Vendo então que de forma alguma era possível continuar a entregar-me ao trabalho, e a conselho da familia tambem, resolvi, quaisquer que fossem as consequencias dêsse facto, não mais voltar ao escritorio, e apressou esta minha resolução, mais ainda, o facto de me parecer, no ultimo dia que ali estive, o referido socio gerente ter-me dito (isto seria talvez já uma alucinação auditiva) que *me dava o praso de 48 horas* para executar certo trabalho, que eu julguei absolutamente impraticavel, por me parecer a sua enunciação baseada num absurdo, e portanto nem durante toda a vida, por larga que fosse ainda, o poderia executar exacto, e então muito menos em 48 horas. Imaginei que a fixação dêsse praso, fosse ou não uma ilusão ou fantasia do meu cerebro, representava uma ameaça formal do mesmo socio, de me tirar a vida se eu não conseguisse a intimação que me era feita, e isto, alem de apressar o meu proposito de não mais voltar a essa casa, muito mais excitado e nervoso me deixou. Deixei-me pois ficar em casa, mandando ao escritorio uma carta,

declarando achar-me doente, mas o meu desassossego não diminuia, antes tendia a aumentar, pouco dormindo de noite, e sempre que acordava, fosse durante a noite, fosse de manhã ao levantar, o meu pensamento concentrava-se imediatamente sobre as mesmas coisas, isto é, a confusão e baralhada que tinham feito na escrita referida, e sobretudo na fatal (assim o reputava) ameaça das 48 horas de praso.

A família minha, andava aflicta, não sabendo que fazer e tive então a idéa de que para dissipar estes temores, receios e fundo desgosto em que andava, talvez fosse bom dobrar a dose de vinho que habitualmente tomava ás refeições (durante todo o dia e no total seriam apenas uns 3 decilitros) passando a tomar uns 6 decilitros diários. Isso porem só fiz uns 2 ou 3 dias, pois me parecia, e afinal era uma realidade, que mais excitado e nervoso ficava. Descoroçoado e arreliado da minha vida o mais possível, pareceu-me, num dado momento, ter tido uma congestão, e isto pelo facto de ter sentido repentinamente, afrouxar-me a força da perna esquerda, tornar-se mais pesada que a direita, e arrastá-la um pouco. Nada mais senti, nessa ocasião de anormal, e fosse ou não fantasia da minha imaginação, como eu insistisse com a família que tinha sido acometido duma congestão e, portanto, precisava de um medico com urgen-

cia, ela, embora não acreditando, fez-me a vontade. Vindo o medico, examinou-me, mandou-me pôr de pé, que apertasse as minhas mãos nas dêle com força e disse-me em seguida que não era tal o que eu imaginara, e tanto não era que me ia receitar apenas brometo de sodio ou não sei se de potassio; eu convenci-me, pedindo-lhe apenas que, por noutra ocasião, devido a uma violentissima dôr de dentes, ter tomado brometo, mas me ter sentido incomodado da cabeça, substituisse esse medicamento por outra cousa semelhante, e que não me desse aquelle mau resultado, ao que o Dr. acedeu, receitando-me então um Valerianato, não me lembro de quê. Tomei-o, mas de nada me serviu para a agitação de que vinha sofrendo, pois tomado o remedio, logo que cessava o lapso tempo em que êle devia produzir efeito, voltava ao mesmo desassocego e ás mesmas idéas tristes e afflictivas.

Porem, novas fantasias apavoradas surgiram então no meu cerebro, começando a imaginar que, mesmo a ameaça das 48 horas não fosse efectivada ao decorrer esse praso, no sentido tétrico em que eu a tomara, o poderia ser por outro qualquer meio de vingança ou odio. Mais me firmei nessa idéa, porque esse, creio que fantastico praso, tinha já expirado havia 2 ou 3 dias, sem que ninguem estranho me houvesse

incomodado na minima coisa; imaginei então que pelo facto de eu não agradar ao aludido gerente, êle poderia, se quizesse, colocar-me numa situação desgraçada, indicando, por exemplo, a palavra — descontada — que, para regularidade, eu escrevia no «Registo de Letras», na coluna das observações, com respeito ás letras em reforma de clientes, e que eram descontadas para pagamento das vencidas, aceites dos mesmos — como significado da entrada em Caixa desse dinheiro, e dizendo que eu o havia recebido e não dera entrada das importancias em caixa, desfalcando assim a firma em somas avultadas, 20 ou 30 contos de reis, o que, naquela epoca (há 4 anos) representava uma quantia importante de veras.

Esta idéa, que então se me metera na cabeça, seria imediatamente afastada por um raciocinio lucido e sereno, pois que evidentemente, não sendo eu o *Caixa* e nada tendo com as operações de dinheiro que se realizavam, nunca pagando nem recebendo qualquer quantia, se alguma acusação infundada ou não, fosse levantada em assunto de caixa, ela recaia imediatamente mas era sobre o individuo que desempenhava essas funções, que vinha a ser o proprio socio gerente e neste caso recaia pois sobre o proprio que a suscitava, sem que eu nada com isso tivesse, a não ser pouco cuidado

na fiscalização da respectiva escrita, se realmente o desfalque se dêsse, mas, mesmo nesse caso, pouco tinha que me incomodar, porque um descuido não é afrontoso nem infamante para ninguém. Além disso, desde que, como no caso acima acontecia, as importancias das letras descontadas fossem exactamente iguais ás das letras vencidas que se pagassem, havia fundada razão para se não fazer lançamento nem dumas nem doutras, pois assim se simplificava a escrita da «Caixa» sem diferença para os saldos que ela tinha, em verdade, de apresentar.

Mas a idéa fatalista de que eu estava prestes a ser acusado, injustamente, de um crime gravissimo, como seria esse chimerico do alcance que me ia ser atribuído, persistia atrozmente no meu cerebro, decerto porque eu já não raciocinava ou antes continuava raciocinando muito mal; juntou-se a essa idéa, então, a apreensão de que o referido socio poderia invocar essa hipotetica acusação e ainda a confusão que revivera em alguns assuntos da escrita, que não eram por mim delineados nem executados, para declarar a firma em *falencia* (o que não aconteceu) e assim um descalabro, uma ruina, uma derrocada medonha (imaginei eu) se seguiria, deixando os credores, alguns por somas avultadas, na miseria e desgraça, e que portanto eu seria, ainda que indirectamente, o

culpado de todas essas desgraças; mais imaginei que o socio capitalista ao ter conhecimento destas calamidades, que eu não aceitava de forma alguma como fantasias do meu espirito desvairado, mas realidades bem positivas prestes a efectivar-se, como tais desastres o levariam á ruina, êle teria com isso tão grande desgosto, que seria acometido e victima de uma congestão, ou então que, considerando-me êle o culpado, ainda que indirecto de tão lamentáveis sucessos, me mataria. Emfim a minha agitação aumentava cada vez mais, já não via senão desgraças e calamidades (fantasias de imaginação, claro) por todos os lados, esperava a todo o momento, pelos motivos expostos, ser morto por um dos dois referidos socios, não saía de casa para coisa alguma, a não ser para me barbear, e mesmo para isso, entrava em 2 ou 3 barbearias, sentava-me, por uns momentos, mas sahia logo por barbear, para entrar noutro desses estabelecimentos e fazer o mesmo, e por fim, então, ficar na ultima.

Por tudo isto se vê a inquietação e nervosismo em que me encontrava, e desalentado quasi desesperado, por não encontrar meio de pôr termo ao sofrimento moral que me atormentava, até a idéa do suicidio me ocorreu ás vezes, mas porque todas as mortes me pareciam fazer sofrer muito, não sentia coragem para tal;

lembrava-me além disso do grande desgosto que causaria á familia, e sobretudo, como catolico, de que a religião condenava em absoluto tal acto de desespero, e portanto abandonei, puz mesmo inteiramente de parte tal idéa. Não deixavam, porem, todas as outras idéas pessimistas de me preocupar a mente, e agora avultava a todas elas o receio de que pelo hipotetico alcance que eu supunha me ia ser injustamente attribuido, não tardaria a entrar no Limoeiro, daí passar á Penitenciária, depois ao degredo, onde se extinguiria a minha vida e que assim além das grandes torturas e sofrimentos que me estariam reservados, enorme desgosto iria desabar sobre a minha familia, que eu entendia ficaria aviltada e infamada como eu, por ter um parente que tal crime suposto havia praticado. Como já disse, esperava a todo o momento ser morto por um dos dois referidos socios, o capitalista, por eu o ter levado á ruina, com o suposto alcance que eu imaginava me ia ser attribuido, sem nada ter feito nesse sentido, e o gerente, que tinha por meu fidagal inimigo, por eu ter faltado á já citada especie de intimação que me havia feito. Assim aguardava a todo o instante que qualquer destês, arrombando mesmo a porta da minha residencia, do andar em que morava, e entrando de subito de revolver ou pistola, em punho, me *liquidasse*; como, nessa

ocasião por ordem do proprietário do predio, tivessem vindo dois individuos, vêr a casa dizendo terem vòntade de comprar a propriedade entendi que embora eles alegassem este motivo para lhe ser franqueada a casa, isso era falso, e a sua intenção unica seria, obedecendo a instruções do que considerava meu terrivel inimigo, tirar em cera o feitio e medida das fechaduras da porta, para de noite facilmente se introduzirem em minha casa e me assassinarem, devassando ao mesmo tempo o interior da mesma, afim de não terem dificuldade em procurar de noite o meu quarto, para aquele sinistro intento. Era mais uma idea lugubre a torturar-me o cerebro.

Crise mais aguda e afflictiva até entrar nesta casa

Um periodo mais intenso ainda em sofrimento, mas curto, pois não excedeu a 5 ou 6 dias, surgiu então. Alem das idéas anciosas que tenho referido em todo este relato, outras no mesmo genero, mas derivando para outros assuntos, me apòquentavam atrocmente. Assim, recordando erros faceis ou pequenas faltas da vida passada, a que mais ou menos todos estão sujeitos, tudo isso tomava na minha imaginação proporções enormes, avolumando-se espantosamente, de fór-



ma a começar a considerar-me a creatura mais nefasta e criminosa que jamais tinha aparecido no universo ; a familia, talvez profundando este meu pensamento, aconselhou-me a confessar-me a um excelente sacerdote nosso amigo, e como eu tambem já me tivesse lembrado disso, assim o fiz. Durante esse dia, da confissão, senti-me de facto um pouco mais tranquilo, mas logo a seguir comecei a pensar que os conselhos e palavras animadoras que não só no acto da confissão, me dirigira, mas mesmo depois em simples conversa, mostrando-me que eu estava perturbado bastante e quasi tudo que imaginava eram apreensões e fantasias mentaes, obedeciam á circumstancia do confessor não conhecer sufficientemente as intenções dos meus inimigos, nem os factos que haviam dado origem á minha agitação, como não poderia tambem ter bem ajuizado das minhas faltas, porque talvez eu não as houvésse claramente explicado ; por esses motivos entendi que todas essas palavras de animo e conforto, destinado a apagar no meu cerebro as ideas fantasistas que o tomavam, não eram applicaveis ao meu caso, visto que eu não teria dado elementos para bem d'ele se julgar, e voltar de novo ao estado de agitação anterior. Suponho que em quasi tudo do que agora vou relatar, se tratará das manifestações proprias desta doença e a que tenho ouvido dar o nome

de *alucinações*, de diversas naturezas, conforme os órgãos onde elas se exteriorizam. Assim na noite imediata á confissão ou na seguinte, depois de me ter deitado dentro da cama, sem poder conciliar o somno, (o que quasi sempre succedia, dormindo todas as noites muito pouco) julguei, depois da meia noite, ouvir passos pesados, de homens, que supuz serem dois, subindo o lance da escada que conduzia ao meu andar, e depois de ouvir o ruido proprio de chaves entrando em fechaduras grossas, temendo taes individuos pelos dois a que já aludi e suposéra terem ido antes uns dias, tirar em cera os moldes ás fechaduras, ouvi ainda os seus passos dentro de casa num corredor que conduzia á cosinha e chegando eles a esta, ouvi mais como que o ruido de 2 facas ao serem afiadas nas bordas de um alguidar, e a seguir como que saindo agua em jorro da torneira do contador, para um balde que estava debaixo, produzindo o som natural da agua caindo assim em jorro num recipiente que se vae enchendo. Era tudo isso, decerto, das chamadas *alucinações auditivas*, pois alguns minutos depois todos estes ruidos se desvaneceram e nada mais ouvi; mas eu julguei durante essas alucinações que o afiar de facas seria para eles me assassinarem, e que a agua saindo da torneira para o balde, esta tendo sido por eles aberta, significava, talvez, um aviso

que eles me davam, por essa fôrma misteriosa, antes de levarem a efeito o crime, querendo transmitir-me por esse aviso que, assim como a agua corria em jorro da torneira, assim o sangue ia correr em abundancia do meu corpo. Imaginei pois ser chegado enfim o ultimo momento da minha vida, e um estremecimento nervoso me percorria os membros, sentia calafrios e preparava-me para a morte. Muito admirado fiquei por isso de terem desaparecido todos aqueles supostos ruidos, ninguem me haver incomodado no meu quarto, e ter naquela noite escapado á morte que julgava inevitavel. A idea de que eu teria sido um grande criminoso toda a minha vida, não só pelas faltas que tivesse cometido e que na minha imaginação avolumára espantosamente, sem motivo, e tambem o pensamento de que eu ia causar, ainda que por uma fôrma indirecta e involuntaria, a desgraça d'um dos socios da firma em que era empregado, como já referi e a miseria e ruina de muita gente, pela falencia da mesma, que julgava inevitavel; actuavam no meu espirito pavorosamente, sem conhecer que tudo eram fantasias da imaginação, ou então hipoteses inadmissiveis; e julgava-me por isso merecedor de grandes castigos, das mais severas punições, a mim mesmo chamando muitas vezes o maior dos miseraveis. Foi talvez em obediencia a estas ideas, que na noite ime-

diata, depois tambem 2 ou 3 horas de me haver deitado dentro da cama, julguei ouvir o zunido do esvoaçar de um turbilhão enorme de mosquitos, a que geralmente chamam «melgas» em volta da minha cabeça, e tomei isso como um aviso sobrenatural de que em castigo da minha vida e supostos crimes, ia ser devorado por uma legião desses insectos, sendo, o zunido sem duvida, uma outra das chamadas *alucinações auditivas*. O que agora pasmo, no que respeita ás ideas que me acudiam á mente, é a facilidade immediata com que aceitava todos os pensamentos tenebrosos e horriveis que me assaltavam, como sendo realidades praticas e positivas, prestes a tornarem-se em factos, sem me demorar sequer um instante a raciocinar sobre a possibilidade da sua execução ! Era rarissimo transmitir á familia as impressões mentais que ia sentindo no decorrer desta incontestavel doença, mas a que acima referi, de me ter persuadido que dois individuos se haviam introduzido dentro de casa, com o intuito de me matarem, impressões acompanhadas das *alucinações auditivas* que tambem expuz, essa, pela gravidade que lhe atribui não resisti ao desejo de lha relatar, mais afirmando á familia que ela seria talvez igualmente victima, pois os pretendidos assassinos, se voltassem não se limitariam a trucidar-me, mas exerciam ainda contra ela a sua sanha vingativa

ou sanguinaria. Como acidentalmente estivessem em nossa casa hospedadas 2 ou 3 pessoas da nossa amizade, insisti com elas quasi durante todo o dia imediato á noite em que tivera as referidas alucinações, para que abandonassem a casa, se não queriam, na noite proxima, serem igualmente trucidadas. Não pedi á familia para tambem sem demora deixar a casa de residencia, porque (e neste ponto, excepcionalmente, raciocinei bem) reconheci que o não podiam fazer, por ser um colegio, com 30 a 40 creanças, e alem dos deveres de ensino que tinham a cumprir para com elas, precisarem de atender aos trabalhos de casa, alimentação, etc. A mesma minha familia, como as pessoas de nossas relações que em casa se achavam, riram-se do que eu lhes comuniquei das impressões terroristas que sentira, e sobretudo as ultimas, da minha insistencia em que se fossem embóra e abandonassem a nossa casa, afirmando-me e tudo isso atribuindo a illusões minhas e a transtorno grave do meu cerebro, com o que eu não me conformei, assegurando-lhes peremptoriamente que era tudo exactissimo e desgraçadamente breve iam ter disso a prova.

Firme nesta convicção e de que não tardaria a ser morto, ou fosse pelo socio capitalista ou pelos dois individuos já citados e que supunha manobrem á ordem do socio gerente, para me

tirar a vida, ou ainda pelas pessoas que acreditava ter reduzido involuntariamente á ruina, esperava tambem que a maior parte das pessoas que viviam em nossa casa (a familia e hospedes que por algum tempo ali se encontravam) fossem igualmente victimas do furor sanguinario dos meus supostos inimigos e assim, que, mesmo que eu escapasse apenas ferido, a entrada violenta daqueles em casa, os gritos dos que ali residiam ao serem tambem atacados, o barulho e confusão da lucta que se travaria, e á qual, senão todos, pelo menos alguns, succumbiriam, não só chamariam a atenção dos transeuntes daquela rua, mas ainda dos que passassem nas ruas proximas, e por isso que, convergindo todos a nossa casa num tropel e algazarra medonha, ao depararem com a carnificina que eu supunha ali iria, indagariam logo do que se passava e sendo-lhes respondido que eu era o culpado, embóra indirecto de todo o acontecido, por seu lado tambem essa multidão se revoltaria contra mim, me arrastaria até á rua, me cortaria em pedaços, ou então para ainda melhor punirem o meu suposto crime, me meteriam dentro duma grande peça de artilharia, á maneira de bala, e em seguida fariam fogo, com essa peça, que projectaria assim o meu corpo a grande distancia, reduzindo a um montão de bocados, cabeça para um lado, braços, pernas e tronco separados

para outro. Mas, continuava eu ainda loucamente imaginando, mesmo que assim não me trucidem, se o acontecimento se der de dia, ás horas lectivas do collegio, as dezenas de creanças que ali se encontrarem fugirão espavoridas, em presença da enorme confusão, gritos e barulho que necessariamente se estabelecem em casa á entrada de todo esse tropel de gente, e correndo em desordem pelas ruas, umas alcançarão as casas de suas familias onde entrarão cheias de terror outras a maior parte, por serem de idade inferior a 8 anos, não atinarão sósinhas com a casa, e vaguearão errantes pelas ruas, aos gritos, do que resultaria as familias quer dumas, quer doutras, sahirem afflictas para a rua em direcção á nossa residencia, umas para indagarem do que se estava comnosco passando, e as demais, á procura dos filhos que lhes faltavam em casa por andarem fora perdidos; todas essas familias entrando tambem na nossa residencia, e ao depararem com o pavoroso espetaculo não só de confusão e gritaria, como em morticinio, aqui iria, (eu supunha que, mesmo estivesse incolume, ou apenas ferido, algumas pessoas de familia ou hospedes jazeriam por terra, assassinados, num lago de sangue) sobretudo porque muitas dessas familias eram em extremo amigas e dedicadas á minha, sairiam logo apavoradas e cheias de terror, correndo desordena-

damente por ruas e travessas, aos gritos, estabelecendo também a confusão e pavor por onde passassem, e comunicando assim a sua aflicção a todos que encontrassem, no seu caminho, além de o fazerem ás restantes pessoas de suas famílias que tivéssem ficado nas respectivas casas. Dando largas ás fantasias de raciocinio em que ia discorrendo e num crescendo constante de terrorismos, imaginei então que as pessoas das relações dessas famílias e das que na rua tivessem sido contaminadas pelo pavor, das quaes, muitas, poderiam (pensava eu) ter sido fulminadas por congestões, outras enlouquecido e outras ainda acharem-se em extraordinario desespero, ficariam por sua vez em grande aflicção por verem em tal estado, ou desaparecerem para sempre, duma fórmula desastrosa ou desgraçada, colhidos pela morte, entes ou pessoas de quem eram em extremo amigas ou dedicadas, do que também lhes resultaria morrer, enlouquecer ou coisa semelhante, cheguei á conclusão de que as pessoas das provincias amigas destas, ao terem conhecimento das fatalidades que a estas estavam sucedendo, ficariam por sua vez aterrorisadas e as mesmas desgraças lhes sucederiam, morrendo muitas delas, e toda esta serie ou cadeia de mortes e fatalidades se iria assim estendendo de terra a terra, de provincia a provincia, passando a fron-

teira, como se fosse uma epidemia, alcançando a Espanha, a França, a Inglaterra, a Europa inteira, para passar logo ás Americas, depois á Africa, emfim ao mundo inteiro, produzindo-se como que um anticipado fim do mundo; e afinal, raciocinava eu, ou antes, fantasiava, quem é o culpado desta grande hecatombe? Eu, sou eu unicamente, e o facto de o não ser directa nem involuntariamente em nada ou pouco atenua a minha culpa e sou portanto um criminoso horrendo como decerto não ha memoria no mundo. E (continuava discorrendo) que posso eu esperar depois de um crime desta ordem, senão ser victima do furor da multidão, ao saber que dele sou o auctor, arrastando-me de casa para a rua, onde sofrerei todos os insultos e martirios, acabando por ser linchado e queimado em fogueira pela população, e tendo talvez ao mesmo tempo incorrido no desagrado e abandono de Deus, e receando por isso da vida de alem-tumulo? Todos estes pensamentos agravavam cada vez mais a enorme agitação e o estado quasi febril em que me encontrava, crise esta de excitação que estava proximo do seu auge.

Não estava bem de fórma alguma, se estava de pé, logo me apetecia sentar, pouco depois de sentado tinha vontade de me levantar outra vez, assim que me levantava novamente me ia

sentar, depois deitava-me alguns minutos sobre a cama, mas logo a seguir levantava-me novamente, andando num frenesi constante, tentando mesmo ás vezes afastar aquélés pensamentos desastrados, mas não o conseguindo. Não sei como essas ideas, especie de delirio de que vinha sofrendo, devem ser chamadas, mas é possível que devam ser classificadas de *alucinações*, nesse caso do pensamento ou do raciocinio. O que então muito me admirava era que essas ideas sinistras, cuja conversão iminente em factos ou esperava a cada instante, não tivessem essa realisação pratica, e que afinal tudo fosse decorrendo como antes, sem ninguem me incomodar para a minima coisa, ou me dirigir sequer uma palavra de censura. Chegou a noite desse dia, em que mais atormentado fôra de pensamentos terroristas, e deitando-me dentro da cama, não consegui dormir até cerca das 2 ou 3 horas da madrugada, e isto por estar agitado bastante, como acima digo, e ainda por esperar a todo o momento a realisação das desgraças, da catastrophe que imaginava. Cerca da 1 hora da madrugada, julguei ter ouvido o ruido de chaves abrindo a fechadura da porta da escada, como já sucedera em noite anterior, e passos de 2 pessoas (que seriam os intrusos imaginados tambem naquela noite) andando no corredor, e por isso mais uma vez pensei que me procu-

ravam para me assassinar, devendo seguir-se toda a serie de desgraças que fantasiára, o que novos arrepios e tremuras nervosas me ocasionava. Alem do mais, teriam decerto aqui havido novas *alucinações auditivas*; comtudo, como vi nada se ter, ainda, desta vez, realisado do que pensara, consegui dormir alguma coisa, proximo da madrugada, como acima referido.

No dia seguinte de manhã, depois de me levantar, sem deixar de continuar preocupado com as mesmas tenebrosas ideas, principiei a imaginar que um zunido que ha tempo bastante mesmo antes das causas que motivaram o meu desvario, eu sentia, muitas vezes no ouvido direito, (o que era devido a qualquer causa fisica) teria sido produzido pelo que considerava meu terrivel inimigo, que o teria causado para estabelecer no meu cerebro uma especie de poste de telegrafia sem fios, em comunicação com o cerebro dele, de fórma que todos os meus pensamentos e palavras, especialmente os que lhe fossem desfavoraveis, lhe seriam transmitidos por meio de radiogramas emanados do meu cerebro, estando ele assim sempre ao facto de todos os meus pensamentos e palavras que lhe pudessem ser desagradaveis e mesmo de quaisquer outras. Passei essa manhã até cerca das 10 horas, em grande inquietação, por ser mais um pensamento mau a atormentar-me, até que

a essa hora, por ter aumentado extraordinariamente (seria talvez alguma nova *alucinação auditiva*) o zunido no ouvido direito, tomei esse como um radiograma que do cerebro do individuo referido, considerado meu inimigo, era transmitido ao meu, ordenando-me que desse cumprimento á intimação que me fizera, e já atrás descrita, ou que pelo menos desse ao assunto uma solução, um expediente, qualquer que fosse, mas não permanecesse no estado de apatia e de irresolução em que me achava, sem nada fazer, nem resolver. Disse então comigo, bem, isto não pode ser, é preciso tomar uma resolução, seja qual fôr, mas como afinal não sabia qual devia sêr, resolvi, no meio da agitação em que continuava a achar-me, deitar-me em cima da cama e aguardar uma inspiração, sobre o que tinha a fazer para me livrar da situação tormentosa em que caíra. Mas nada me ocorria, o zunido no ouvido direito era cada vez maior, o que eu atribui a radiogramas mais intensos e violentos que o citado socio gerente me estava transmitindo ao cerebro para que me aviasse em dar qualquer saída á minha situação e por isso ainda mais agitado me encontrava, ora sentando-me, ora deitando-me na cama, voltando-me constantemente para um e outro lado, torcendo as pernas etc.

No auge desta excitação, tendo-me sentado

na cama (chegara o momento mais critico de minha psicose, se a doença mental de que estava afectado assim pode ser designada) julguei sentir, vinda do exterior, por detraz de mim, actuando nos dois braços e impelindo-os para a frente, uma forte corrente ou choque electrico, como nunca havia sentido; a seguir parece que impellido pela mesma força electrica, soprar violentemente, e logo depois, uma grandê agonia, que me obrigou a vomitar, mas com enorme esforço e dificuldade. Teria eu realmente sentido estas impressões, soprando e vomitando como então supuz, ou teriam sido simples *alucinações* (ás quaes não sei se poderiam ser chamadas, da *sensibilidade*) o que então senti?

Não sei ainda hoje dizel-o, e impossivel me é apura-lo, devido ao quasi delirio em que me encontrava, quando em mim actuaram. O que todavia me recordo bem é que, devido ao esforço que empreguei para vomitar, julguei ter expellido com os vomitos, o proprio estomago, com todo o seu conteudo, suco gastrico, etc, e pareceu-me ter visto tambem vir sangue juntamente, o qual molhara, em parte, a cobertura da cama, e dizendo eu, nesse momento, a minha irmã, haver vomitado sangue, apontando-lhe para o bocado da cobertura que julguei vêr, por aquele tinta de vermelho, ela me disse ser illusão minha, pois o liquido que expelira era branco. Seria o

caso que tudo isto não passaria de uma fantasia do meu espirito delirante, e que nada destas coisas tivesse sucedido? Nada posso tambem dizer de positivo a tal respeito. Recordo-me de que, em seguida, em presença das sensações violentas e estranhas alem de dolorosas, que acabára de experimentar, e attribuindo-lhes uma causa ou proveniencia sobrenatural, eu me levantei desvairado da cama e gritei para minha irmã. «Ai! Aquele maroto (referia-me ao tal que considerava meu terrivel inimigo) para se vingar de mim acaba de transformar-me em espirito! Estou desgraçado, nunca mais posso comer, nem dormir, nem evacuar ou urinar,» e isto disia pondo as mãos na cabeça, aterrorisado. Desde então minha familia considerava-me um verdadeiro louco e tendo-se isto, que eu julgava a transformação do meu corpo em espirito, passado a um sabado, talvez pelo meio dia, só alguns pormenores posso indicar do que em mim se passou nesse dia e seguintes, até terça-feira imediata, em que por cerca das 4 da tarde, sahi de casa, em trem, para aqui ser internado; essa difilculdade que tinha em relatar as impressões desses pouco mais que 3 dias, provem de estar o que nesse sabado então se passou, em grande parte, como que velado, meio nebuloso no meu espirito, como o estaria tambem, me parece, nos referidos dias, recordando-me

porem, bem, que seguro de que tinha sido transformado em espirito, e não cessando todas as ideas fatalistas anteriores de continuar a povoar-me a mente, entendi que em rasão de ter sido em toda a minha vida um grande criminoso e continuar a sê-lo, (disso tudo continuava convencido) esse espirito, em que fôra transformado não poderia deixar de ser um espirito maligno, porventura obedecendo á vontade do demonio, e este pensamento mais aumento no meu horror; mas tendo, pelo motivo acima, de interromper o relato do meu caso, descrevendo conforme tenho feito, a sucessão das minhas ideas e dos factos que comigo se iam passando, na ordem em que iam decorrendo, sigo agora a indicar, destoadado, ignorando se elas se deram ou não na mesma ordem em que vão relatadas, as alucinações que senti e ideias que me ocorreram nesses referidos dias, e de que posso recordar-me:

1. — Convencido cada vez mais que já não era uma creatura, mas sim um espirito, e que por isso tinham cessado em mim todas as funções organicas e quasi todos os sentidos, não podendo mais que *ver*, *ouvir* e *andar*, formei desde logo o proposito de não mais comer, e certo que se algum alimento ingerisse, ele me ficaria no vacuo deixado pelo estomago, sem nunca se digerir . qualquer que fosse o espaço

de tempo, dias, meses ou anos, decorridos sobre essa ingestão.

2.— Como nesse sabado, pela tarde, a minha familia insistisse imenso comigo para tomar, pelo menos, um copo de leite, que me apresentavam, como estivesse talvez fraco bastante, e por isso me apetecesse toma-lo, considerei que embora a digestão se não fizesse, o conteúdo do copo cabia bem no vacuo deixado pelo estomago e disso não resultaria, pois, inconveniente grave, e portanto resolvi-me a beber o copo de leite, mas no momento de levar o copo á bôca, julguei vêr (seria uma nova *alucinação visual*) do meu lado direito um letreiro, do lado exterior do braço, mas suspenso no ar, e em letras douradas pequenas, dizendo «Não comas»! Supuz que seria a pessoa que eu considerava meu inimigo irreductivel, a qual entendi ter, do mesmo modo que o poder de transmitir pensamentos, por radiogramas, do cerebro dele ao meu e vice-versa, tambem o poder de transmitir o letreiro referido, por igual processo, mas enchi-me de energia e disse comigo «podes transmitir o que quizeres que não faço caso» e em seguida bebi o copo todo ou quasi todo.

3.— Numa das noites destes dias, e apesar de me considerar um espirito, não deixando de reccar os sucessos pavorócos que, conforme já descripto imaginára em dias anteriores se iriam

desenrolar, que me mataria etc. (no que havia manifesta incoerencia, pois se eu era um espirito não podia recear que me matassem) julguei ouvir, no meio das insomnias que me não largavam durante bastante tempo passos de pessoas nos corredores proximos ao meu quarto, as quais supunha andarem-se preparando para me matar, e tambem na porta da rua, por diversas vezes, fortes argoladas, julgando ser igualmente de pessoas com os mesmos sinistros intentos. Suponho que isto tivessem sido mais *alucinações auditivas*, e que tais ruidos ou sons não se tivessem produzido.

4.— Tambem numa dessas noites, depois de me ter metido na cama, cerca das 2 ou 3 horas da madrugada, sem nada ter conseguido dormir até então, abrindo os olhos, que quasi sempre tinha fechados apesar de não dormir, pareceu-me vêr ao lado da cama, na porta exterior, e paralela a ela, uma taboa comprida especie de catre; assarapantado com isto, que eu tomei como uma especie de visão indicativa da minha morte proxima (a incoerencia continuava, pois considerando-me um espirito, teimava em recear a morte) levantei-me, saltei por cima dessa suposta taboa ou catre, e aproximei-me dela palpando a vêr se seria imaginação minha ou realmente algum daqueles avisos; certifiquei-me assim pelo tacto que essa taboa, feitio de catre, ali estava

e fiquei mais uma vez aterrorizado, com essa minha descoberta, da qual, julgo, fiz alarme, gritando e correndo para os aposentos de minha família, afflicto, dizendo o que tinha visto. Voltando em seguida ao meu quarto, já não vi ali aquelle objecto. Teria pois sido outra *alucinação visual* e tambem uma *alucinação do tacto*, se isso se pode dizer.

5. — Numa dessas noites, e estando eu, por volta das 8 ou 9 horas da mesma, encostado sobre a cama, pareceu-me, olhando para a janela, ter visto passar no ceu por 3 ou 4 vezes, umas faxas de luz vermelha, em movimento circular, semelhantes aos feixes de luz despedidos d'um holofote, mas em vez de brancos, da côr referida, vermelha. Tomei isto como signaes da Providencia, de que algum acontecimento gravissimo, semelhante aos que eu tinha já anteriormente imaginado, se ia desenrolar, e ao qual eu teria dado origem, pelas minhas supostas faltas ou crimes, voluntarias ou não. Estou convencido ter havido *alucinação visual* (outra) nas faxas de luz que julguei ter visto.

6. — Numa das tardes destes dias, occorreu-me que visto eu ser já um espirito como estava convencido, e não um homem, poderia ser arrebatado por uma legião de espiritos tambem e levado para regiões desconhecidas e por isso a todo o momento supunha que ia ser levado

pelos ares e como, decerto devido á grande fadiga intelectual e mesmo fisica que sentia, apesar de excitado, tivesse passado nessa occasião alguns minutos pelo sono, assim que acordei, receei ter infringido uma suposta lei dos espiritos, que prohibiria a estes *dormir*, (eu desde que supunha ter sido transformado em espirito, empregava todos os esforços para não dormir, afim de não infringir essa hipotética lei) e correndo para a casa onde estava minha familia, gritei :» Adormeci sem dar por isso, eu sou espirito, não podia dormir, estou desgraçado por ter faltado a esta lei» ou se não foi exactamente por estas palavras, foi empregando outras semelhantes no mesmo sentido. Minhas irmãs mais uma vez tentaram socegar-me, dizendo-me ser tudo illusões, e que cada vez estava mais louco, mas como sempre foi inutil.

7. — D'outra vez, de tarde, extenuado, atirei-me para cima da cama, onde continuei a pensar afflictivamente sobre a minha situação ; em dado momento, porem, julguei sentir um cheiro pronunciadissimo a *cadaver*, como se sente quando se aproxima, ou chega o decurso das 24 horas sobre a morte e se chega junto do morto, ou se coloca a cara junto do seu rosto. Novo pavor se apoderou de mim, tomando o cheiro como um aviso sobrenatural, de que uma morte acabava de causar, a qual não poderia ser, ima-

ginava, senão a do socio capitalista da firma onde estava empregado, o qual, ao ter conhecimento da falencia e descalabro da casa, que nesta altura eu entendi se deveria já ter produzido, e de que eu, infundadamente me julgava culpado, deveria ter sofrido uma congestão fulminante, caindo morto. Esse cheiro passou, mas fiquei na convicção de que teria sido o referido aviso e ao mesmo tempo uma reprovação de Deus ao meu proceder e talvez mesmo ao facto de ter mandado uma carta ao referido socio despedindo-me, a qual, pensava, poderia tambem ter ocasionado a congestão. No dia seguinte, tendo-me eu igualmente deitado sobre a cama, de tarde, senti da mesma forma vir aquele cheiro, a *cadaver*, e ao mesmo tempo que este cheiro sentia, ouvi na rua, aproximando-se cada vez mais, uma marcha funebre, como que executada por uma banda que fosse passando, acompanhando qualquer enterro. Novo e ainda mais forte pavor me acometeu, convencendo-me ainda mais que estas cousas estranhas eram signal de reprovação aos meus pretendidos crimes ou faltas. Os sons da musica funebre foram-se desvanecendo, como se a banda se fosse afastando e o cheiro desagradavel extinguiu-se tambem; julgo que teria havido, em mim, duas especies de *alucinações* uma do *olfato* e a outra *auditiva*, quero dizer, aquella não tenho a menor duvida

que o foi, pois não havia ali nenhum *cadaver*; e quanto á outra, não me parece deixasse também de ser alucinação, pois isso de bandas, a acompanhar enterros, entoando marchas funebres, é coisa rara em Lisboa e ainda mais seria de estranhar a coincidência da banda ir realmente passando, quando eu julgava sentir o cheiro a mortos.

8. — Numa dessas tardes, estando sentado sobre a cama, na agitação costumada, e olhando para fora duma janela do quarto que ficava frente, no sítio em que me achava, vi na grade da sacada em frente, junto a ela, um pano quadrado branco, em forma de bandeira ou estandarte, no qual se via nitidamente, pintada em semi-tamanho natural, ao centro a minha figura de pé, vestindo fato de jaquetão, mas este desabotoado, e dos lados também pintadas duas figuras humanas, do direito, a duma especie de cosinheiro, com o habitual barrete branco e do peito até quasi aos pés um avental branco, mas de couro, e do esquerdo, a figura, de um rapaz em trajo de smoking, como se fosse para algum sarau ou baile, e dos quaes um me tomava (a minha figura) pela mão direita e outro pela esquerda, como que apresentando-me ás multidões e dizendo: «Eis aqui o homem», ou seja, neste caso, «o criminoso,» pois eu me julgava o maior de todos, dessa especie.

Tomei este género de visão, que afinal era outra *alucinação visual*, como mais um aviso sobrenatural de enormidade dos meus crimes, que, apesar de os julgar, na sua maioria, involuntarios e mesmo praticados por uma forma indirecta, não deixava, comtudo, como já disse, de os considerar merecedores de enorme castigo.

9. — Numa dessas noites, antes de me meter na cama, estando de pé, encostado a um piano, com a cabeça apoiada sobre as mãos, pareceu-me vêr por detraz de mim, vultos de mulheres, especie de sombras, o que me assustou imenso mais uma vez, tomando essas sombras como fantasmas, bruxas, ou feiticeiras, apesar de nunca ter acreditado em taes superstições. Comuniquei estas impressões a minha familia, que mais uma vez se riu de tais disparates e procurou tranquilisar-me, sem o conseguir. Deveriam, julgo, ter sido outras alucinações visuaes.

10. — Em uma dessas manhãs, que me parece ter sido aquella em que para aqui vim, levantei-me da cama (na qual nestes dias me deitava sempre vestido, sem mesmo as botas tirar) seriam umas 6 horas da manhã, e tendo dado umas voltas, sempre agitado, por um corredor que dava para o quarto, ao passar na ultima dessas voltas, junto ao mesmo quarto, julguei vêr dentro uma especie de arca grande (coisa que nunca tinha ali existido,) fechada. En-

tendi que esta arca teria sido ali colocada por mãos misteriosas e que o fim disso seria metem-me dentro fechando-a em seguida, atirarem com essa arca, comigo dentro, ao mar, onde eu ficaria eternamente boiando, visto julgar-me um espirito e não poder por isso morrer, sofrendo porem as angustias da asfixia, por falta de ar dentro da arca, e da morte por afogamento, pela submersão dentro de agua, porque embora eu julgasse não poder morrer, não me considerava isento das aflicções proprias da morte. Alem da *alucinação* de ideas, teria aqui havido a *alucinação visual*, da arca.

11. — Numa dessas manhãs, tendo passado toda a noite a matutar sobre os terriveis castigos que ia sofrer pela, imaginada enormidade dos meus crimes e erros, lembrou-me que a noticia de todas as desgraças e fatalidades de que eu deveria ter sido o causador, viria já extensamente descrita, com todos os pormenores, no «Diario de Noticias» desse dia, e tendo sentido o distribuidor entrega-lo e a creada coloca-lo numa mesa de compartimento contiguo ao meu quarto, levantei-me da cama pé ante pé, para ninguem me sentir, entrei ali, tomei o jornal, e retirei-me de novo para a cama onde passei avidamente os olhos por todas as colunas do mesmo, esperando encontrar, a cada momento, em enorme parangôna, a noticia té-

trica dos horrores a que eu déra causa, e dos supostos crimes por mim praticados, e assim, que o publico, ao lêr essa descripção pavorosa, se precipitaria de tropel em multidão, sobre a minha casa arrombando portas e janelas, para me linchar e maltratar por todas as formas, em castigo das minhas atrocidades. Com grande surpresa minha, não encontrei, porem, essa noticia e fiquei um pouco mais tranquilo por ela não vir, voltando a colocar o jornal sobre a mesa donde o havia retirado.

12. — Recordo-me que desde que sentira a tal especie de corrente electrica percorrer-me os braços, ficára convencido, em consequencia de me julgar desde então transformado num espirito, não mais me crescera a barba, e que tanto esta como os braços, me haviam ficado hirtos e rijos, sem a flexibilidade propria, do que mais me convencia olhando para os ultimos e vendo a cara ao espelho, julgando, pelo que via, que esses fenomenos se davam, o que seria afinal nova *alucinação visual*. Tambem me recordo que num destes dias a que venho de referir-me, lembrou-me sahir de casa, fugindo, com idéa de vaguear por ruas caminhos e estradas, correndo vilas, cidades, aldêas, isto sem me preocupar com os meios de subsistencias a que recorrer para tal fim, por estar firme na convicção de que era espirito e não precisava portanto comer ;

deligenciando, com aquele intento, mudar de fato e vestir um sobretudo, os botões de maneira alguma acertavam com as casas, nem as casas com os botões, umas vezes sobravam-me estes, outros aqueles; o sobretudo, quando queria enfiar-lhe nas mangas os braços, aquelas na extremidade inferior aberta, que fica junto aos pulsos, apareciam-me fechadas, como se fossem o fundo de um saco, de fórma que quando as mãos, por dentro das mangas enfiadas, ali chegavam, não podiam romper para fóra; estas cousas inexplicaveis, ainda mais, se é possível, me baralhavam as idéas, a ponto de julgar que estava sendo victima de mistificações, ou obra de espiritos e feiticeiras. Taes cousas seriam tambem provavelmente *alucinações visuaes* e do *tacto*, se as pode haver.

13. — Como tivessem já passado alguns dias sem eu tomar alimento algum, nem mesmo leite, minha familia recorreu primeiro ao medico Dr. Gomes da Silva, depois ao Dr. Geraldés Barba, para vêr se me convenciam a ingerir qualquer alimento, (e não sei tambem se para preparar a minha entrada em qualquer máni-comio) mas foi inutil, porque continuei insistindo tenazmente em nada tomar, visto que era espirito, afirmava eu, e não podia, portanto, comer, alem de assegurar já não ter estomago ou haver-se fechado. O Dr. Gomes da Silva,

recordo-me de me haver dado uma injeção n'um braço (o esquerdo) a qual soube ha pouco tempo ter sido de morfina, dizem, para me acalmar.

14. — Desde o dia de sabado, em que de manhã tomára um pouco de leite, até á terça-feira immediata, em que sahi, pela tarde, de Lisboa, para aqui, que me parecia tanto os automoveis que passavam na rua, onde morava, como os electricos que ali passavam, levarem andamento vertiginoso, como nunca presenceára, uma verdadeira carreira desordenada. Atribuia isto a prenuncios do fim do mundo, ao qual eu continuava imaginando ter dado causa ou ir da-la breve. Tambem os automoveis que na mesma rua se crusavam, pareciam-me ser em numero extraordinario, como nunca vira, mesmo em quantidade assombrosa, e as suas cornetas ou businas destinadas a afastar os transeuntes, ao contrario do que geralmente succede, tinham *todas* o som rouco, roufenho, que só algumas teem, e estes casos extraordinarios atribuia tambem a avisos do fim proximo do mundo ou então como a uma especie de intimações de espiritos, para que me aviasse em tomar uma resolução, fugindo de casa, ou outra qualquer decisiva. Dizendo eu a minha irmã, por ocasião de um automovel destes ir passando, e ao qual senti dar uma businada assim rouca, que isto

era um signal misterioso para eu me aviar a tomar uma resolução; ella me disse que este som que ouvira fôra o *zurrar de um burro* e não uma businada de automovel. Como provavelmente assim seria, penso agora que em tudo isto não teria havido mais que *alucnações auditivas*, e talvez mesmo que só raros automoveis passassem e os seus signaes de aviso em nada se differencassem dos habituais; quanto aos electricos, não excederiam tambem as velocidades regulares e a quantidade do costume.

15. — Recordo-me em um d'esses dias de ter dito a minhas irmãs que não mais entrassem n'uma igreja, pois sendo irmão d'um espirito, o qual talvez tivesse sido tornado maligno, não mais ali podiam entrar e que se não me atendessem, algum grande cataclismo, um castigo, se produziria, do que ellas, é claro, se riram e não fizéram caso. Tambem, no mesmo dia, tendo entrado em nossa casa, duas senhoras das nossas relações, a saber se eu estava melhor, e trazendo dois ovos, dizendo-me para eu os comer, pois eram de 2 galinhas que tinham em casa e de proposito m'os traziam, depois de m'os darem, mirei-os por todos os lados e julguei verificar que elles divergiam dos ovos vulgares, pois eram absolutamente sólidos e compactos anteriormente, alem de ter um d'elles o numero 7 a lapis, e o outro o numero 8

tambem a lapis. De estas singularidades conclui que as 2 senhoras eram 2 feiticeiras, que se tinham revestido das figuras das referidas pessoas das nossas relações, para me obrigarem a comer aqueles ovos, e que se os ingerisse, coisas extraordinarias se passariam comigo e no mundo, e por isso não só recusei os ovos como exigi de minhas irmãs os não comessem, por entender que se os tomassem, as mesmas cousas extraordinarias se dariam. Alem do grande disparate de idéas, supponho haveria neste caso dos ovos, *alucinações visuaes*, imaginando n'elles uma apparencia que realmente não tinham.

16. — Chegado á terça-feira em que me trouxeram de casa, para esta, e caminhando assim para o quarto dia sem comer, não sentia appetite algum apesar d'isso, mas como minha familia insistisse bastante comigo para tomar certos alimentos, de que eu realmente bastante gostava, sentia-me, por vezes, tentado a ingeri-los mas logo me recordava de que não tinha estomago, ou este não podia digerir por eu ser um espirito, e recusava-os terminantemente. Todavia, como nesse dia insistissem comigo com umas nesperas bastante maduras, grandes e aromaticas, por pouco não as comi, mas consegui domar-me, e aspirei-lhe o aroma muitas vezes, como consolação maxima do facto de as não

poder comer, disse eu então; é que realmente eu sentia grande desgosto por não mais poder tomar alimento algum, como supunha, e isso por me lembrar que, como a todos succede, havia cousas de que eu bastante gostava, e assim, privado de comer, não poderia experimentar a sensação agradável do paladar, tomando esses alimentos.

17. — Ainda me recordo que numa dessas manhãs, acordando, depois de ter passado levemente pelo sono, pareceu-me (o quarto estava ás escuras) que me achava em qualquer outra casa interior que não era o meu quarto e levantando-me percorri, ás apalpadelas, todo esse compartimento reconhecendo então que divisão era da nossa residencia, mas no sitio em que devia estar a porta, só encontrava parede, de forma que essa divisão me parecia toda feita de paredes, sem porta. Mais uma vez fiquei apavorado, julgando que qualquer poder misterioso me havia encerrado eternamente naquella reclusão, especie de bêco sem sahida, da qual nunca mais me veria livre, parecendo-me ao mesmo tempo que as paredes se iam aproximando umas das outras e que portanto ia morrer (mais uma incoerencia em esperar a *morte*, depois de transformado, como supunha, em espirito) empalado e esmagado. Todavia, depois de andar uns 5 a 10 minutos em volta desse compartimento, pro-

curando a porta, consegui encontra-la finalmente e sahi, correndo cheio de terror, para a casa onde estavam minhas irmãs, narrando o sucedido. Decerto, tudo isto haveriam sido mais *alucinações visuais*, ou do tacto.

Saida de casa e percurso até esta

Devido, como já dito, ao facto de me recusar a comer, aproximava-se já o quarto dia, minha família, receando sobretudo que eu morresse de inanição, resolveu internar-me nesta casa na tarde desse ultimo dia, 16 de Maio de 1918, o que eu, porem, não suspeitava, lembrando-me sim, que me poderiam ali, em casa, obrigar a tomar o alimento por meio de sonda (aparelho que sabia já existir para este fim) mas não chegarem ao extremo de me internar em manicomio. Recorreram, como é natural, ao artificio de me enganar, dizendo-me, de tarde, que uma familia das nossas relações resolvera, para me distrair, alugar um trem, no qual, eu deveria, pouco depois, tomar logar, em companhia de minhas irmãs e dois amigos nossos, afim de darmos um passeio ao campo, onde jantariamos todos.

Trouxeram-me do quarto para a sala de jantar, onde, apesar da minha tenaz resistencia a tal passeio, principalmente fundada na idea de que iriam, no local onde jantassemos, insistir

comigo, para comer, ou quasi obrigar-me a isso, procuraram por todos os meios suaves, convencer-me a ir. Resisti a essa insistencia com as melhores rasões que me ocorreram, alegando sobretudo que se estomago porventura ainda possuísse, ele estava fechado e não podia, portanto comer ou digerir e que por isso, embora fosse, se essa familia que alugara o trem, no campo se encontrasse tambem, sofreria grande desgosto pelo facto de eu nada tomar, nem mesmo um copo de agua, enquanto os convivas comeriam com appetite e gosto. Estes argumentos que apresentei, é claro, de nada me serviram, pois, a certa altura, disseram-me que o carro acabava de chegar e forçoso era partir. Neste momento vi entrar na sala de jantar, onde me encontrava, um sujeito nosso amigo, que me estendeu a mão para me cumprimentar. Recusei apertar-lhe a mão, dizendo-lhe estar transformado num espirito, e não poder por isso apertar-lha; disse-lhe mais que se afastasse, pois se chegasse a estar em contacto com ele, tambem seria por mim transformado em espirito, o que ele fez, não certamente por que me acreditasse, mas para me não contrariar. Por motivo dele pedir, nesta altura, um copo de agua á creada, imaginei que se sentia aflicto e ia ter alguma congestão, por eu lhe ter dito aquilo, arrependendo-me por isso logo de te-lo dito. Mas como

de facto o trem já estava á porta, e eu recusava sahir, puzeram-me no pescoço uma especie de cache-col, (eu estava sem gravata e sem colarinho) levando-me em seguida á força, até ao carro, onde me meteram, sentando-me (era um caleche) nos assentos de traz.

Não sei nem me recórdo, por onde vim, nem quaes os caminhos e estradas que o trem percorreu, do que me lembro é das pessoas que vinham dentro do carro, e vinham a ser as duas minhas irmãs e dois sujeitos do nosso conhecimento, e bem assim de ter vindo silencioso todo o caminho, sem proferir palavra, e sem que tambem nada me disséssem as pessoas que vinham dentro. O que julguei vêr foi na face direita da minha irmã mais velha, quatro pintas vermelhas, formando uma especie de quadrado, o que seria decerto *alucinação visual*, pois taes signaes nunca tivéra, nem, em tal momento, deveria ter.

Pareceu-me durante o percurso, que o carro levava uma velocidade extraordinaria, ou que os cavalos arrastavam o mesmo n'uma carreira vertiginosa; era quasi como que a impressão dum aeroplano que fosse pelos ares e em que tivesse tomado logar. Só conheci onde me achava, quando o carro chegou ao Largo de Belas, e ao vê-lo tomar pela estrada do lado direito, advinhei então para onde me levavam,

o que provocou então em mim uma crise julgo que a primeira e unica que senti n'este genero, desde que adoecera) de raiva e exasperação, mas rapidamente passada. Deu origem a ela, o facto de acabar de conhecer que ia dar entrada n'um manicomio, onde deveria existir muita gente, e no qual, devido á mania que tinha de ser já um espirito, eu imaginava, pelo contacto com todas essas pessoas, ir tambem transforma-las em espirito. E mais, raciocinei então, quem sabe se, devido aos meus (é claro supóstitos) crimes, e ao poder do já referido socio gerente da casa em que fôra empregado, o qual considerava, n'este mundo, o meu maior inimigo, terei sido transformado não só n'um espirito, mas maligno, e irem-me assim meter n'uma casa religiosa, em contacto com tanta gente bôa e santa! N'essa ocasião invectivei minhas irmãs por esse facto, e lembrei-me até de me atirar do carro abaixo para fugir, mas elas socegaram-me, dizendo que eu não queria comer, e forçoso era ir para uma casa onde me obrigassem a isso. No restante percurso até aqui, continuou a parecer-me que o trem não só andava, mas voava, pelas estradas e julguei tambem vêr e ouvir bastantes cães ladrando furiosamente atraz do trem e tambem vêr que os trabalhadores dos campos por onde o mesmo ia passando, erguiam nos ares as enchadas e picaretas, em attitude

ameaçadora, contra o carro, e que até um sapa-teiro, n'uma loja proxima da qual o trem passára, erguera, empunhando-o, o martelo do officio, em gésto tambem de ameaça, contra o mesmo carro.

Todos estes géstos aggressivos tomei como especialmente dirigidos contra mim, como indicativo de odio e rancôr no mundo suscitado contra mim, pelos meus crimes e desgraças enormes que ocasionáva (continuava sempre d'isto convencido) o que por aquella fórma mais uma vez se manifestava. Teria aqui havido, sem duvida alguma, novas *alucinações visuaes*, visto que taes atitudes de ameaça era impossivel terem-se dado, da parte dos que viam passar o carro, e quanto aos cães ladrando, se é certo acontecer um ou outro desses animaes perseguir a ladrar os vehiculos em velocidade grande, nunca poderiam ser na quantidade extraordinaria que me parecêra ouvir, e portanto outra *alucinação*, desta vez auditiva, teria existido, sem embargo da *alucinação visual* de vêr *muitos* cães quando eram *poucos*, necessariamente. Recordo-me que o cocheiro, depois do carro sair do largo de Belas, parecia ignorar o caminho para aqui, pois por duas vezes se apeou para perguntar aos transeuntes ou moradores onde ficava esta casa e ao chegar o carro, ao largo ou esplanada onde ela fica situada, lembro-me mais que, apeando-se um dos amigos que me acom-

panhava, e dirigindo-se á portaria, com os documentos que, minhas irmãs levavam, voltou pouco depois dizendo que *havia falta de pessoal*, mas que me aceitavam. Em seguida disseram-me para descer, o que fiz sem resistencia, e conduziram-me até junto da porta de entrada, tendo-me parecido, ao olhar para toda a portaria deste Hospicio, ser *toda ela* em azulejos, ou mosaicos, em quadros, com pinturas finas, representando passagens de vidas de Santos, e com complicados ornatos e desenhos, igualmente em azulejos a côres finas. Existiria nisto uma outra *alucinação visual*, pois quadro em azulejo, com ornatos e desenhos a côres finas, e de assunto religioso, só existe, nesse largo, o que está ao centro da portaria do pavilhão do lado direito do corpo central do edificio, de dimensões em extremo reduzidas relativamente ás da frontaria central, onde fixei a vista, ao caminhar para a porta. Julgo que tendo talvez olhado de relance para esse pequeno quadro da parte lateral do edificio, teria tido a ilusão, ao olhar em seguida para a frente, de que ela, na sua grande extensão e pavimento inferior e superior, era toda no mesmo genero de pintura e azulejos. Nesta convicção tenho estado sempre, por nunca mais, depois da entrada, ter olhado para essa frente, e foi por isso que agora, depois de bem a haver visto ha dias, fiquei admirado de

reconhecer que era pintada a óleo, e não existiam nela desenhos a côres, pinturas de ornatos ou quadros alusivos, e portanto ainda menos se dava o caso de ser *toda ela* em decorativos desse genero.

Depois de entrar nesta casa e até á cura

Entrado aqui, recorde-me de ter sido conduzido logo para o pateo, onde me sentei num banco, acercando-se pouco depois de mim um doente, que mais tarde soube chamar-se «Cunha» o qual me perguntou se eu é que era o Bernardino Machado, ao que respondi não ser, chamando-me sim A. M. Estava inquieto e atribulado com a idéa que dentro em pouco, decerto, me iriam obrigar a comer, e não sabia como sair da situação, visto estar convicto de que o não podia fazer. Não tardou que chegasse a hora da ceia (era quasi noite) e me viessem buscar ao banco onde estava, ao passo que via todos os outros doentes que nessa ocasião estavam no pateo, caminhar em direcção ás respectivas secções onde comiam. Dizia comigo, como eram felizes essas creaturas, apesar de aqui encerradas pois podiam comer, tomar todas as refeições, e eu estava sempre privado de o fazer. Recorde-me que então me levaram para um quarto, onde me mandaram 3 irmãos que ali estavam (e que me parece eram os irmãos Julio, José dos Santos,

e Severino) sentar n'uma cadeira de formato especial e nunca vira, apresentando-me um copo de leite, para tomar, ao que, como era de presumir, me recusei. Como eu continuasse insistindo em recusar o alimento que me queriam dar, foram buscar a sonda e mostraram-ma, dizendo que se não queria tomar o leite a bem, teria de ingeri-lo por aquele meio. Cada vez mais perturbado, sem saber o que fazer, pois de um lado estava convencido de que ainda tivesse algum espaço no estomago, digo, no espaço deixado pela saída do estomago pela boca (e que estava convicto se dera) esse espaço logo se encheria ao primeiro copo ou segundo, e doutra parte entendia ser uma especie de profanação, de verdadeira, monstruosidade um espirito consentir que lhe introduzissem uma sonda. Optei pelo primeiro caso, a ver o que sucedia e assim lembro-me de ter tomado o copo de leite em que insistiram, e mais uns dois que em seguida me deram, receando, porem, a todo o momento que este liquido transbordasse, mais não cabendo lá dentro. Depois d'isso, recordo-me que fui conduzido a outro quarto, onde me mandaram deitar na cama, o que fiz. Não pude, porem, dormir, não só por diligenciar não adormecer, visto ser espirito e por isso não poder dormir, mas tambem porque comecei a supor que afinal não

tinha sido transportado para o Hospicio do Telhal, dos Irmãos, mas sim para um antro misterioso, uma Casa ignorada e oculta, onde se passariam cousas sobrenaturaes, ou onde eu poderia ser sujeito aos maiores martirios e sofrimentos. Este raciocinio fundava-se não só na velocidade fantastica que me parecia ter trazido o carro em que viera, mas ainda no facto de imaginar que as quatro pintas vermelhas que julgara vêr numa das faces de minha irmã, dentro do trem, significavam que ela não era realmente a minha irmã mais velha, mas sim um espectro, especie de fantasma, da sua figura, como espectros seriam todas as outras pessoas que no carro me haviam acompanhado. Cerca talvez da meia noite e continuando sempre acordado, ouvi meterem a chave na fechadura da porta e abri-la, (o que foi, estou certo, uma realidade) entrando a seguir o Irmão Tarcisso, que então estava de *sereno*, e certamente ia vêr a attitude e disposições do nosso *hospede*. Como começava a supôr estar numa casa misteriosa, e ele trouxesse a cara rapada de barba e uma tunica (tomei-a por ela) branca, muito alva, e ainda porque o seu rosto fosse cheio e muito redondo, imaginei sêr um anjo, que viesse talvez a salvar-me das mãos sinistras em que julgava ter caído. Mu-dei, porem, rapidamente de pensar, quando ele assestou, da porta, a lanterna de acetyléne que trazia,

na direcção do meu rosto, projectando sobre ele os raios luminosos da mesma, pela lente reforçados. Imaginei então (que disparate!) ele teria ali vindo com o fim de me tirar a fotografia por aquele processo, e depois manda-la para todos os jornaes do mundo, para ser conhecido o retrato da mais criminosa das creaturas, do mais despresivel homem da sociedade, como eu julgava sêr!

Depois dele sair, e durante o resto da noite, tambem nada dormi, pelas razões que acabo de apontar, e ainda por ter ouvido em alguns dos quartos que eram proximos, umas vezes gritar, outras cantar, outras assobiar, (vinham a ser os alucinados que dormiam nesses quartos) o que eu só explicava, como sendo comparsas de scenas misteriosas e fantasticas que aqui se passassem, ou então suas victimas.

No dia seguinte de manhã, lembro-me de me mandarem levantar, ao que obedeci prontamente, e quando chegou a hora do almoço, de me mandarem sentar na mesma cadeira da vespera, no mesmo quarto, repetindo-se a insistencia comigo para tomar alguns copos de leite, e mostrando-se-me a sonda para o caso de não tomar esse alimento. Parece-me, que desta vez ainda ingeri o leite, sem ser preciso applicarem-me aquella, mas receava cada vez mais que o estomago ou o vacuo por ele deixado, se en-

chesse, e eu ficasse entupido, asfixiado, sofrendo as torturas desse estado. Depois do almoço fui conduzido para a cerca, onde passeiam os doentes, mas a confusão de idéas que sentia era cada vez maior, não só por estar vendo que insistiam comigo a todos as horas de refeição para tomar leite, e por isso que assim continuariam todos os dias, sem que eu pudesse nada ingerir do que resultaria rebentar ou ficar eternamente sufocado, visto que não podia morrer, mas também por vacilar acerca da casa em que me achava, a qual, ora me parecia ser realmente o Hospício de S. João de Deus, por vêr os Irmãos vestindo bata (o que os disfarçava dos trajos seculares) a tórre da capela e o Rev. Capelão da casa, ora me dava a impressão de uma Casa ignorada, quasi sobrenatural, onde se passassem cousas nunca vistas, sendo esta impressão, supponho, devida ao facto de nunca ter entrado nos recintos onde permanecem, em manicómios, os alienados das diversas especies. Á hora do jantar desse dia, tenho a certeza de ter terminantemente recusado tomar mais leite, pois entendia que nem mais um decilitro sequer, cabia cá dentro. Tiveram então os Irmãos necessidade de recorrer á força, applicando-me a sonda, não sem dificuldade, pois que barafustei com as mãos, impelindo aquele aparelho e gesticulando com a cabeça para todos os lados, afim de evitar a

introdução do mesmo, o que obrigou ainda os Irmãos á necessidade de me atarem as mãos. Lembra-me de ter sofrido bastante com a aplicação da sonda, sobretudo, decerto, por sêr a primeira vez em que suportava essa operação.

Os primeiros tempos (talvez 6 a 8. semanas) antes de recolher á cama

— Indicarei agora, da fórmula mais resumida que possa, para encurtar quanto possivel esta já longa exposição, o que me recordeo passado n'esse periodo de tempo.

1. — Continuei recusando terminantemente tomar qualquer alimento, sempre com a mesma obsessão de que não já possuia estomago, ou que pelo menos se encontrava fechado, ou incapaz, pela ausencia dos meios proprios, de produzir o fenomeno da *digestão*, o que continuou a obrigar os enfermeiros á applicação da sonda, ao que tambem resisti como da vez primeira, impelindo aquella com as mãos e volteando a cabeça para todos os lados, não só para não me introduzirem um alimento que entendia não poder suportár, mas ainda para não sofrer a impressão e tortura que a sonda me causava no fisico.

2. — No segundo ou terceiro dia depois de

entrar aqui, pedi aos enfermeiros (ou a um d'elles) para que solicitassem do Director da Casa, ou antes do medico chefe do serviço clinico, um exame especial e demorado do meu torax e ventre, para se certificarem de que o meu caso fisico era uma anormalidade nunca vista, pois tinha-se-me fechado o estomago, devido a um choque electrico que recebera nas costas e braços e os intestinos tambem não funcionavam.

3.— Um ou dois dias depois, por ocasião de uma dejecção, imaginei ter expellido, com as fézes, tambem o figado, os rins, e os intestinos, isto é, todas as visceras alojadas no ventre, e isso por me ter vindo á idéa de que havia ingerido acido sulfurico em lugar da purga, d'ahi concluindo que esse acido, devido ás suas propriedades causticas me teria dissolvido ou reduzido a uma pasta todas aquelas visceras. Não fiz a mesma idéa com referencia ao estomago, pulmões e coração, aquele por estar convencido que já antes o não possuia e estes por entender que visto o acido ter cahido na cavidade do estomago (onde este devia estar) só deveria exercer o seu efeito no aparelho digestivo. Esta mania arreigou em mim a resolução de não tomar alimento algum, pois tudo ficaria dentro de mim, por me faltarem todos os órgãos necessarios á digestão e eliminação dos seus residuos.

4. — Como, devido á minha insistencia, cada vez maior, em recusar as refeições, a sonda não deixasse de continuar a sêr-me aplicada, pareceu-me sentir, d'uma dessas vezes, que aquella, em vez de seguir o canal proprio tinha (o tubo grosso de borracha) trepado para cima e entrando na cabeça ou antes no cerebro, ali despejando o leite. Isto, tendo sido, é evidente, uma simples imaginação, produziu-me comtudo uma enorme impressão fisica, e restando convencido de ter ficado com o cerebro cheio de leite.

6 — D'outra vez, ao ser-me aplicado o mesmo aparelho, tive a impressão de que ele em vez de seguir pelo esofago, a caminho do estomago, havia seguido outro trajecto, penetrando na laringe e entrando na aorta (que grande disparate!) depois de a romper na parte superior.

Assim julgando, supuz que o leite entrando tambem n'esse principal tronco distribuidor do sangue pelas arterias, n'estas teria tambem penetrado enchendo-as d'esse liquido, e portanto, que nem nas arterias, nem nas veias, circulava já *sangue*, mas sim leite unicamente, o sangue tendo desaparecido.

7. — Por outra ocasião, supondo igualmente a sonda não ter levado o caminho proprio, imaginei teria entrado nos pulmões e coração, ahi deixando da mesma forma um litro (aproximado) que de cada vez tomava. De tudo isto con-

cluire que o meu interior já não era senão uma especie de barril ou tanque de leite, tudo estando cheio, pulmões, coração, cerebro, cavidade onde estivera o estomago, veias e arterias, e assim que cada pulsação cardiaca, não era mais que um jacto de leite circulando por todo o corpo.

8. — Com a continuação da applicação da sonda, comecei raciocinando como era possivel o meu corpo, conter dentro tanto leite, que havia cerca de 2 mezes, n'ele ia sendo depositado, e que pelos calculos que então fiz, deveria atingir a uns 180 litros aproximados, ou seja um barril de 10 almudes, pouco mais ou menos. Para isso explicar cheguei a duas conclusões opostas, uma que o leite, chegando á cavidade onde haviam estado os intestinos, figado e rins, supostamente expelidos, e que portanto vinha a ser o ventre, ali se teria sempre conduzido em volta das paredes do mesmo, pela parte interior, formando uma crosta solida, muito forte, tão resistente e dura como o ferro, e em cordões entrançados, do mesmo metal, em arame, assim á semelhança de cabo submarino, electrico, a dentro das substancias isoladoras que o envolvem; como justificativo do acerto d'esta explicação achava o facto de, palpando o ventre exteriormente, o encontrar muito duro, e com a apparencia d'aquelle entrançado riço, e

ainda a circumstancia de achar o corpo extremamente pesado, como nunca o tivera, parecendo-me, quando andava alguma cousa, levar comigo um peso de muitas arrobas, e não sei ainda se estes dois factos se dariam realmente, quero dizer, se teria em verdade, o ventre muito duro, e o corpo me pesaria imenso, sendo possível que assim succedesse, o primeiro por motivo da doença de que estava affectado, e o segundo devido á grande fraquesa em que me puséra a alimentação a leite, tomado por um processo artificial, e á tensão nervosa de que estava possuido, o que daria em resultado quasi não poder suportar o peso do corpo: a outra conclusão era que a alimentação forçada a que estava submetido seria uma mistificação, eu afinal nada ingeriria, pois o leite nada seria, não passando de uma cousa illusoria e de pura magia, por estar talvez n'uma casa fantastica, como já tinha imaginado, e em que se passassem factos inexplicaveis. Da mesma forma concluia para a eliminação dos residuos da digestão, quer pelas urinas, quer pelas fézes, não seria senão uma cousa tambem falsa, illusoria, simulada, por alguma força sobrenatural preparada para fazer crer aos outros que o meu organismo funcionava como o das outras pessoas.

9. — A idéa de que estava cheio de electricidade e de que poderia por meio d'e-

la matar as outras pessoas, surgia-me no cerebro, o que bastante me torturava, pensando até em pedir algumas vezes ao Director da Casa para me fechar n'um quarto isolado, distante das outras pessoas, e em que não houvesse movel algum, muito menos qualquer objecto que fosse bom conductor das correntes electricas, para que não pudesse fulminar pessoa alguma com a transmissão da minha electricidade; imaginei mesmo pedir para ser metido n'uma especie de grande redoma de vidro, que poderia ser quadrada, para que metido assim em receptaculo de vidro, materia que sabia ser má conductora d'aquelle fluido, não mais pudesse dar a morte a alguém.

10. — Aconteceu mais, uma vez que um irmão estava fazendo a cama, vi colocar n'ela um oleado muito grosso, antes de pôr o lençol, e disse-lhe então que bem percebia a intenção com que isso era feito, e só poderia ser isolar o meu corpo da comunicação electrica com a terra, para não continuar produzindo mortes nos seus habitantes (supunha que os casos de morte por mim causados imaginariamente, eram já conhecidos, e se estava procurando que não continuasse em tal destruição da humanidade.

11. — Apesar desta suposição de que eu era já conhecido como auctor d'essas mortes, algumas vezes julgava que a sua auctoria estava

sendo atribuída inocentemente a outro ou a diversos individuos, e por isso acontecia que, como geralmente me deitavam antes dos demais doentes, ao passarem depois no corredor contíguo ao quarto, uma parte d'elles que se dirigiam aos seus quartos ou dormitórios, acompanhados do enfermeiro que os guiava, gritava para este: «Não foram eles, estão inocentes, eu é que sou o causador de tudo, eles nada fizeram, castiguem-me a mim!» ou outras coisas semelhantes, supondo que, pelo facto de elles irem muito depressa, quasi em tropel, porque assim queriam para se meterem sem demora na cama, fossem impellidos pelo enfermeiro, sem serem doentes, mas quaesquer individuos que elle encontrara passeando pela cerca, onde eu tambem estava de dia, e o mesmo julgasse serem os causadores das mortes, indo-lhes aplicar o castigo que mereciam, calculando eu que esse castigo seria, depois de passarem pelo corredor, e numa casa em frente (a enfermaria) obrigá-los a subir uns 3 pequenos lances de escada que ali existem, e a precipitarem-se n'um poço que imaginára dever existir ao cimo d'essa escada!

11.— Comecei tambem imaginando que a electricidade mortifera de que estava carregado, não a transmitia ás pessoas só pelo contacto, com as mesmas, mas que tendo tambem d'ela saturado todos os bancos do pateo ou pequena

cerca já referida e onde passeiam os doentes, d'isso resultaria que todas as pessoas que n'esses bancos se sentavam, morreriam fulminadas por descargas electricas, ou pelo menos ficariam inutilizadas ou gravemente doentes. Torturado por essa idéa, quando via algumas pessoas sentadas ou deitadas n'esses bancos, muitas vezes me dirigia a elas (não o fazia sempre, por me custar já a andar, devido á fraqueza, e não poder aguentar tão constante esforço) pedindo-lhes se levantassem, fossem passeiar, se tirassem d'ali, por causa da electricidade do banco, pois era perigoso ali permanecerem; alguns obedeciam, outros riam-se ou não faziam caso, e eu pensava que esses não obedientes, em breve iam ser victimas da sua teimosia em não seguirem a minha indicação. Como os doentes que ficavam deitados ou sentados, acontecesse muitas vezes fecharem os olhos, ou dormitarem pouco depois de me dirigir a eles, julgava estarem já mortos devido á electricidade dos bancos por mim comunicada. Alguns, passado tempo, levantavam-se e eu raciocinava então que o choque não teria sido mortal; outros ficavam assim imoveis, nos bancos até á hora de me levarem ás refeições (o leite pela sonda) mas como succedia eu sair do pateo um pouco antes d'elles irem aos refeitórios, onde as refeições eram quasi á mesma hora da minha, tendo assim ficado no

pateo quando eu d'ali sahia e não os encontrando quando voltava, concluia que estes teriam realmente morrido, fulminados, e teriam sido transportados, enquanto eu tomava o leite, á Casa Mortuaria ou mesmo ás sepulturas!

12. — Outras vezes succedeu que, estando eu, como quasi sempre estava, no pateo, encostado á parede, precisava de andar algumas dezenas de passos, para satisfazer qualquer necessidade; porque tivesse para isso de passar pela frente de algum banco onde alguém estivesse, hesitava no que devia fazer, por me lembrar que a pessoa ou pessoas que ahi se encontrassem poderiam ser por mim mortas por um choque electrico dimanando do meu corpo, á minha passagem; mas como a necessidade que tinha de atravessar pela frente deles, era imperiosa, resolvia-me. Todavia, no meu regresso, para junto da parede, se via essas pessoas, caladas ou com os olhos fechados, imaginava logo te-las morto embora involuntariamente, e chamava miseravel e assassino a mim mesmo, pois não havia preferido deixar de satisfazer a uma necessidade, apesar de obrigado pela natureza, a sacrificar pela morte umas poucas de pessoas, ou uma unica que fosse!

13. — Recordo-me que numa das primeiras noites em que aqui entrei, estando deitado, sentira, quasi de madrugada, gritar cá fora (devia

ter sido no pateo de S. Camilo) ou nalgum dos quartos dali) «ip. ip.» bastantes vezes, e com intervalos regulares, gritos que teriam sido soltos por algum alienado, mas eu supuz, como já tinha imaginado anteriormente, que o mundo se estava acabando, precipitando-se, por minha causa, no espaço o globo terrestre, e que um anjo ou uma creatura divina que eu não sabia precisar quem fosse, assim gritava ao mundo para que ele se não continuasse precipitando. Todavia, parecia-me que eu (ainda que por uma fórma indirecta) tornára tão *inevitavel* esse cataclismo pelas desgraças que ocasionara, que nem os poderes divinos e sobrenaturais eram bastantes para suspender a continuação daquela catastrophe!

13. — Tambem de dia me perseguia a idea de que se estava produzindo o fim do mundo por minha causa, e assim quando olhava para o ceu parecia-me ver o sol descendo vertiginosamente sobre a terra (alucinação visual?), que as nuvens caminhavam no espaço com uma velocidade nunca vista, e que os comboios que eu ouvia passar distantes, na linha de Torres, marchavam tambem com uma velocidade espantosa, parecendo ir despedaçar-se contra qualquer barreira ou muro que lhes servisse de obstaculo; julgo que aquella seria uma *alucinação visual*, e esta *auditiva*.

14. — Não cessava de me perseguir esta idéa de causador do fim do mundo; e assim, imaginava que as enormes desgraças, que teriam sido causadas pela suposta falencia da casa onde fôra empregado, e á qual eu cria haver dado indirectamente motivo, tendo estabelecido a confusão, a anarquia e o cáos, por toda a Europa, desta situação de desordem e tambem de morticinio, em que ninguem se entendia, se teria aproveitado aquele que tinha supôsto um perseguidor inimigo, para, junto a uma turba enorme de inimigos da sociedade e de todo o existente, destruir e incendiarem palacios, egrejas e tudo que se lhes deparasse contrario às suas idéas, apoderando-se de todo o ouro e riquezas que encontrassem, embarcando em seguida em navios aprisionados, em direcção á America, onde se fixariam, gosando das enormes riquezas de que estavam de posse, e deixando atraz de si, por toda a Europa, quasi um mar de sangue, e um montão descomunal de ruinas e miserias, emfim uma especie de nercopole incomensuravel em que os cadaveres dos mortos pela violencia, pela desgraça, desespero e inanição seriam aos milhões.

15. — Nunca me sentava nos bancos do paeo, estando assim sempre de pé, porque como imaginava estarem por mim electrizados, tinha receio de me sentar e morrer fulminado, da

mesma fôrma que supunha isso succeder aos outros; era incoherente, pois ao mesmo tempo me julgava espirito, que não podia morrer.

16. — D'uma vez que um alienado alto, que parecia ser padre, e vestia uma sobrecasaca comprida, andava com um livro aberto, na mão, gritando no pateo «Pára... Pára...» julguei que se referia ao globo terrestre que, por fim do mundo, como já referi, se estava precipitando no espaço, e daquela fôrma intimava ao mesmo globo que se detivesse na sua quéda espantosa.

17. — Doutra vez que fiquei na cama, porque assim me mandaram, foram-me levadas as botas e o fato do quarto, para que me não vestisse; dominado pela tal idéa da electricidade que supunha ter no corpo, e tendo saltado da cama, por não ter ali botas, descalço, fiquei aflicto por o ter feito, pois imaginei ter assim occasionado uma porção de mortes por descargas electricas, o que não teria feito se me tivesse calçado (pedindo as botas) assim ficando de permeio, entre o meu corpo e a terra, a sola das botas, que considerava uma substancia isoladora, impedindo a transmissão da corrente do meu corpo para a terra, corrente que supunha ter então, mais uma vez, morto muitos dos seus habitantes.

18. — Não sei se por ilusão optica, se por *alucinação visual*, quando olhava para os pas-

saros que andavam saltitando pelo pateo, parecia-me que todos levavam a cavallo no dorso, uma figurita do tamanho dos mesmos passaros!

19. — Acontecendo, como já disse, duvidar algumas vezes da casa onde me encontrava, que em certas ocasiões me parecia ser realmente o Hospital de S. João de Deus, mas noutros pensava ver uma casa estranha onde se passassem casos sobrenaturaes, sucedia que olhando para os troncos das arvores (platanos) que no pateo existem, imaginava, em rasão das malhas e manchas de côr que nos troncos d'esta especie de arvores se notam, e lhes dão a semelhança de pele de cobra, ser isso indício, por julgar não haver arvores assim, de que este pateo pertencia a qualquer habitação propriedade de supótos poderes sobrenaturaes, idéa que então ainda mais se me vincava no espirito, porque, fixando-me bem n'esses troncos, via n'eles alguns escritos e desenhos (eram feitos pelos doentes) que me pareciam cabalísticos e enigmaticos.

20. — Doutra ocasião, porque ouvisse no salão, contiguo ao pateo, andarem durante bastante tempo arrastando pesadamente os pés, o que fazia grande ruido, julguei ser (era algum doente que o fazia) quem aqui mandasse, que tendo-me reconhecido auctor de tantas supostas mortes, estivesse significando, assim por aquele meio, que eu precisava, como castigo, ser

arrastado e calcado aos pés, e ao mesmo tempo declarar-me que esse castigo me ia ser aplicado. Eu porem achava pouco para taes crimes, e calculava que seria alem d'isso atirado a algum poço, ou grande fogueira e mesmo talvez metido em algum caldeiro de chumbo derretido a ferver! Estas idéas, ainda mais, se era possibile augmentavam a tensão nervosa e aflicção em que andava, mas parece-me que era impossivel exceder a tortura d'este estado de espirito, no limite a que ella chegára!

21. — Mais me lembro que numa manhã, por volta das 10 ou 11 horas, estando no meu quarto, me fecharam a porta, e olhando para o soa-lho vi, ou pareceu-me vêr um buraco duns 2 decímetros de comprimento por 3 a 4 centímetros de largo, mas de novo a porta se abriu neste momento, entrando um enfermeiro, que vi ou me pareceu vêr, com 1 dedo apontar solemnemente para o buraco, e retirar-se de novo fechando a porta outra vez. Procurando em espirito a explicação d'este caso, attribui-o tambem a significado d'um proximo castigo que me ia ser aplicado pelo morticinio que causára, e consistiria em ser ali mesmo asfixiado pelos vapores, talvez sulfurosos, que iriam sair d'aquelle buraco aberto no sobrado, o que bastantes calafrios me causou. Decerto n'isto não teria havido senão *alucinações visuaes*, pois nem o bu-

raco existiria, nem o enfermeiro para ele teria apontado.

22. — Em outro dia, pela mesma hora pouco mais ou menos, estava tambem no quarto, e ouvi, no que ficava contiguo, uma voz estranha, de homem robusto, perguntar, julgando eu então que a mim se dirigia: «Para que queres esse bigode? Para que queres essa mão? Para que queres esses atilhos?» Estes atilhos a que a voz se referia, supuz serem os atacadores das botas, que trazia soltos, em parte, desatados; quanto ao mais, não atinei com o fim d'aquelas perguntas, mas ao mesmo tempo lembrou-me que fosse algum espirito com apparencia corporea, ao qual tivesse forçosamente que responder, e depois com o fim de o fazer, como não existia comunicação entre o meu quarto e aquele onde ouvira as perguntas, atravessei-me sobre a cama, colando a cabeça contra a parede, a que encostava a mesma cama, e preparei-me para satisfazer ao interrogatorio, tanto mais que a voz continuava fazendo-se ouvir, dizendo agora: «Aviate, responde, que tenho pressa». Comtudo, nada achava para responder, o que me afligia e por fim a voz deixou de se fazer ouvir, e eu retirei-me. Não sei se seria algum alienado que estivesse no referido quarto contiguo ao meu, e soltasse casualmente todas aquellas frases, julgando eu erradamente que me eram dirigidas,

ou seriam simples *alucinações auditivas*, taes frases ou palavras não tendo sido proferidas.

23. — Doutra ocasião, á hora do jantar, o Irmão a cargo do qual estavam as minhas refeições, levou-me á Enfermaria para ali me aplicar a sonda, mas disse-me antes, que me sentasse á mesa, que está ao centro d'aquella casa, e comesse de preferencia dos alimentos que ali se encontravam e me recordo serem sopa de massa, arroz de substancia e carne assada com batatas, destinadas aos doentes que se achavam, na mesma Enfermaria, de cama; acrescentando que era muito melhor comer, que tomar o alimento pela sonda. Apesar de me apetercerem n'essa ocasião os alimentos que me eram oferecidos, recusei-os ainda desta vez, convicto como estava de que não podia comer e lembro me que ao ser dada essa refeição a um dos referido enfermos que se achavam de cama, ouvi ao Irmão acima indicado dizer para mim: «Este é o morto vivo» e o doente, ao tomá-la, pareceu-me sentado dentro d'um nicho, como esses que se encontram pelas estradas e eram, n'outros tempos, destinados a venerar imagens ou assuntos religiosos, levando de cada vez á boca, *com lentidão*, a colhér com o alimento, ao mesmo tempo que me deitava uns olhares muito tristes e misteriosos. As palavras do enfermeiro, o nicho e aspecto do doente, mais uma vez me fizéram supôr

achar-me num recinto onde decorressem coisas fantasticas, não tendo decerto havido da minha parte mais que uma *alucinação auditiva*, (pois o Irmão não teria proferido aquelas palavras) e *outras visuaes*, visto que tal nicho não existia, nem o doente teria assim comido e para mim olhado.

24. — Como algumas vezes aconteceu ficar de dia, na cama, não me levantando, sucedia que passado algum tempo de ali estar, começava pensando em que, um espirito como eu já era, e não uma creatura humana, não podia de fórma alguma, estar metido dentro d'uma cama, envolto em lençóes e cobertores, como qualquer simples habitante da terra e que isso era mesmo uma coisa estupenda, sem precedentes, nunca vista emfim. Então, levantava-me, simplesmente em camisola e camisa e ia-me sentar no soalho, no meio do quarto, para, assim, não estar dentro da cama; logo a seguir, raciocinava (se isto assim se pode chamar ao discorrer então do meu cerebro) que esta posição era ainda ridicula para um espirito, e o que tinha a fazer era correr vertiginosamente, saindo do quarto, transpôr todas as portas que encontrasse, galgar a estrada, quasi voando, e assim n'uma carreira tão rapida quasi como a d'um aeroplano, correr o mundo inteiro; mas, logo depois, olhava para mim, achava impropria a *toilette* em que me en-

contrava (não tinha ali mais fato que o vestido, pois o levavam quando me diziam para ficar na cama) além d'isso lembra-me que as portas do corredor e pateo estavam fechadas á chave, e não podia sair cá para fóra; portanto, ainda que com pesar, reconhecia não poder pôr em pratica isso que considerava o designio a que fóra sentenciado; comtudo deixava-me ficar sentado, mas não tardava a aparecer qualquer Irmão que punha termo ao meu devaneio, obrigando-me a ir para a cama.

25. — Em certa noite, em que mais dominado estava pela idéa do castigo que me ia ser infligido pelas mortes que ocasionára, depois de deitado, seriam umas 11 horas, ouvi cá fóra, 3 palmadas seguidas, com grande força, como se dariam para chamar alguém; julgo agora fossem dadas por um doente (P.^e Nogueira) que então existia na casa, e tinha o costume de assim bater com as mãos uma na outra, mas eu na ocasião tomei-as como indicativo de ser chegado o momento da minha expiação, e que por aquellas 3 palmadas assim me convidavam a comparecer perante os juizes que me haviam de sentenciar. Nesta persuasão, e disposto a sofrer o castigo que julgava me ia ser decretado, levantei-me, vestindo qualquer cousa, que não me lembro o que foi, e dirigi-me para a porta do quarto, saindo para o corredor e começando a

descer a escada, mas afinal vendo as portas dos outros quartos fechadas e tambem as que communicavam com o pateo, e não sabendo a que casa pois me dirigir, para comparecer perante os meus juizes, nem vendo ninguem que me guiasse, retrocedi e resolvi meter-me de novo na cama, aguardando comtudo que alguem me viria ali buscar para tal fim.

26. — Num desses dias, depois de ceiar, fui como os outros doentes, para o pateo, mas logo que ali cheguei, notei na boca um pronunciado gosto a iodo; imaginei então que no leite que pela sonda me fôra dado, teria sido deitada alguma grande porção de tintura de iodo, é possível que realmente algumas gotas me tivessem sido ministradas no mesmo leite, por indicação medica) talvez, pensava eu, com a idéa de me castigarem, dando-me assim a morte, e evitando ao mesmo tempo, pelo meu exterminio, continuasse produzindo mais victimas pela electricidade. Disse comigo que tal não conseguiriam, pois sendo eu já um espirito, não havia fórma alguma de me matar, mas fiquei apavorado por entender que tal expediente ia dar resultados negativos, pois me pareceu dos meus olhos saírem constantemente uns lampejos alaranjados, como se fossem vapores do iodo, e meditei que esses vapores, visto o iodo ser substancia toxica, iriam envenenar todas as pessoas

que então andavam no pateo, e não seriam menos de 80 a 100; para mais me convencer dessa idéa, parece que os doentes nessa tarde, salivavam com mais frequencia, que de costume, alguns vi mesmo deitarem-se no solo (como eles algumas vezes fazem, realmente) outros estenderem-se ao comprido nos bancos, e conjugando pois estas crises com os sintomas por mim sentidos então, conclui, que todos estavam de facto por mim envenenados, como o comprovava a salivação constante dos doentes, a morte dos que estavam deitados no solo; e estendidos nos bancos; tornando pois estas posições de descanso ou somno como imobilidade cadaverica, e supondo que dentro em pouco todos aqueles que ainda estavam, no pateo, de pé, não tardariam tambem a cair mortos, julguei cometer nessa tarde um morticínio horrivel, como nunca praticára, passando a noite agitadissimo, e angustioso.

27. — No dia seguinte ou immediato, tendo-me o enfermeiro dito para ficar na cama, no meu quarto, não me levantei, mas lembrando-me do caso anterior, do iodo, com o qual eu imaginava ter exterminado muita ou toda a gente que encontrava no pateo n'aquella tarde, como reparasse que diversos Irmãos passavam amiude no corredor que dá ingresso aos quartos, d'um para outro lado, convenci-me que para me cas-

tigar por esse morticínio, como pelos anteriores e visto não ter sortido efeito o iodo propinado no leite, que supunha ter sido para me dar a morte, andavam preparando em casa proxima, um violentissimo banho electrico, com enorme quantidade de electricidade, obtida por poderosos dinamos e numerosas pilhas, onde me iriam introduzir, para verem, se, já que o iodo falhava, eu não resistia a semelhante banho, morrendo ali dentro fatalmente electrizado muito mais do que julgava eu estar. Estava por isso inquietadissimo, esperando a execução de tal sentença que não duvidava me teria sido na Casa decretada. Fiquei por isso espantado de decorrerem as horas e chegar a noite, sem nada me ser feito.

28. — Tambem de uma vez em que fiquei de cama, no quarto, me recordo de ver pessoas no mesmo corredor, duas ou trez vezes, um Irmão levando na mão um desses aparelhos proprios para dar clistéres e de que desconheço o nome. Como pouco antes esse Irmão me tivesse dito que eu estava doente, pensei, devido a nunca ter visto esse aparelho e ignorar a sua applicação, êle fosse destinado a qualquer grave operação cirurgica a que ia ser submetido, talvez por eu não querer comer, e estarem convencidos que tinha, como eu imaginava, alguma interrupção no canal intestinal. Essa idea affligiu-

me muito, por entender ser uma coisa espantosa, uma especie de profanação, ir operar um espirito, como eu me considerava, em que ninguém devia materialmente tocar, e disso ainda mais convencido fiquei, por n'essa ocasião duas ou três janelas proximas baterem com violencia devido a uma forte lufada de vento, o que supuz ser um aviso sobrenatural de que tal operação de cirurgia não devia ser efectuada, em rasão de eu ser um espirito.

29. — Logo n'um dos primeiros dias em que aqui entrei, estando deitado, no quarto, pouco depois da ceia, e esse quarto deitasse para um dos pateos contiguos a enfermaria, avistando, mesmo assim deitado, os muros d'esse pateo e algumas arvores, tomado da idea de que estava dando causa ao fim do mundo, julguei que para complemento do morticinio que ia por todo o universo, os predios dos arredores e de Lisboa e seguidamente os de todas as terras do pais e estrangeiro estariam desabando, acabando assim quasi de aniquilar os demais habitantes do mundo, que tivessem escapado aos outros generos de morte. Acontecendo passarem nessa ocasião junto ou proximo da janela, os doentes, alguns muito apressados, imaginei serem fugitivos que passavam apavorados, procurando á pressa um abrigo ou refugio onde pudessem escapar-se á catastrophe que se estaria então produzindo.

Havia nesse quarto uma cadeira grande, de madeira, d'um feitio especial e a que me referi a pag. 53, e um momento em que mais afflicto estava moralmente com a devastação que iria pelo mundo e a que eu pretendia ter dado causa, julguei ouvir sair do centro da cadeira, mas como vindas de baixo, do solo, as seguintes palavras, em voz sumida: «E o mundo era tão bonito!» Ao mesmo tempo julguei ver, erguendo-se lentamente ao centro dessa cadeira, uma figura de ancião, de cara rapada, surgindo á vista apenas da cintura para cima, mas em linhas apagadas, tenues, meio diáfanas, uma especie de visão, emfim; ainda mais impressionado então fiquei attribuindo isso a uma aparição sobrenatural, que expliquei, imaginando que sob aquela cadeira estaria sepultado o cadaver de um Santo, o qual naquele momento se teria erguido do tumulo para exprobar o meu procedimento, em dar causa ao fim do mundo, servindo-se para isso daquelas palavras, que «ele era tão bonito». Essa especie de visão desvaneceu-se, porem, logo, e supponho agora teria nisso havido de minha parte, uma *alucinação auditiva* julgando terem sido pronunciadas palavras que o não foram, e *visual*, crendo ter visto uma cousa imaginaria.

30. — Numa dessas noites em que me deitára mais tomado da idéa de que se estava reali-

sando o fim do mundo, e de que coisas sobrenaturais se estavam passando, pareceu-me ver pelas 2 ou 3 horas, que isso estava sucedendo, mas por uma forma diversa daquela que anteriormente imaginara. Essa aniquilação de todos os seres animados julguei então estar vendo fazer-se, descendo do ceu cada uma das estrelas que o constelam, sobre cada habitante da terra, em direcção perpendicular á cabeça de cada um, e descrevendo um traço vivo, de luz, mas fino como uma linha, na trajectoria do ceu á cabeça de cada habitante, os quais, no mesmo momento, imaginei serem logo arrebatados para o firmamento, assim ardentes, e servirem de estrelas na aboboda celeste, em lugar das que tinham descido sobre a terra! Evidentemente, houve nisto, *alucinações visuaes*, imaginando ter visto cousas assim extraordinarias.

31. — Como tambem me perseguia bastante a idéa dum castigo que estava eminente, e me seria aplicado pelas minhas atrocidades, castigo que calculava ser crudelissimo, visto os meus pretendidos crimes serem igualmente sem igual, porque tivesse passado num refeitório destinado a uma das classes de doentes e visse aí nas mesas, colocados e enfileirados como aqui é costume, bastantes pratos de ferro esmaltado destinados áquêles, afim do que, quando chegassem ao refeitório, encontrarem já os pratos

respectivos na sua frente, lembrou-me que um desses alienados me dissera no dia ou na véspera, «que eu não queria comer mas havia de comer á força» e concluí de tudo isto que um tremendo castigo me ia ser aplicado, não só por não querer comer, mas ainda pelo morticínio a que tinha dado causa, e continuava a dá-la; esse castigo, imaginei, consistiria em que todos esses pratos, os quais não acreditava fossem destinados aos doentes, seriam cheios de sopa e outros alimentos, e eu obrigado, a tomar por minha mão, o conteúdo de todos, um a um, e se não o quizesse fazer, me seria tudo introduzido á força e ás colheradas na boca, que em seguida me fariam talvez beber bastantes copos de vinho, depois, seria obrigado a tomar copos cheios de chumbo derretido a ferver, logo a seguir brasas de lume etc. Com esta idéa, convencido de que tal ia suceder na noite desse dia, á ceia, fiquei mais uma vez aterrado, interrogando-me a mim mesmo como poderia eu, que nem uma colher de sopa podia tomar, por falta de espaço para a receber no canal intestinal, digerir dezenas de pratos de sopa e outros alimentos, copos e copos de vinho, chumbo derretido, etc., etc. Formei então o propósito, logo que começassem insistindo comigo para comer, discursar, gritar, expôr com energia, em voz vibrante aos que assim me preten-

dessem sacrificar o meu caso, isto é, que fôra transformado num espirito, o estomago estava fechado ou não existia, e portanto não podia ingerir; se ainda se não convencessem, dispôr-me-ia até ao sacrificio, certo que ele não podia ir além da primeira colher de sopa, com a qual logo ficaria asfixiado e os executores da sentença não iriam assim mais longe, e ainda que o fossem, como, raciocinava eu, «saco cheio não leva mais» e os seus esforços serão inúteis e mesmo que bastante nisso insistam, não conseguirão matar-me, porque sou um espirito e espiritos ou almas não morrem. Nesta maneira de raciocinar, mais uma vez, incoerencia, pois vezes houve, com os casos anteriores em que não queria me matassem, outros em que desejava morrer.

32. — Em certa tarde, dum desses dias, um irmão, na cerca (a que chamam aqui tambem pateo) deu o braço a um dos doentes que, como eu, ali andavam passeando, afim de o obrigar tambem a passear, pois o doente estava sempre parado, mas eu imaginei que seria para o conduzir a qualquer grave castigo, por julgar ser êle, doente, o autor de tantas mortes que se estavam produzindo aqui e lá fóra, e passando os dois juntos de mim, disse ao irmão que me levasse, e não áquele, pois eu é que fôra o autor e não esse que levava; êle

respondeu-me que eu não fôra e de mim nada queria, não tendo mesmo decerto atinado com o que eu pretendia dizer nessas palavras que proferi. Continuou assim levando o doente pelo braço e eu fiquei pesaroso e cheio de remórsos, por entender que devia ter insistido tenazmente com o Irmão em que fôra eu o causador de tantas desgraças e não aquele que conduzia, para que assim não fosse sacrificada outra pessoa inocentemente, sendo eu o culpado.

33. — Não só de dia, quando ficava na cama, e como atraz expliquei, me levantava e ia, bastantes vezes, sentar-me no soalho, como também o fazia de noite, com a mesma obsessão de que era *espírito*, e não podia por esse motivo estar dentro de uma cama como qualquer vivente; não só ia, como então, meio despido sentar-me no sobrado, como igualmente me deitava nêlo ao comprido, estendido; comtudo, se presentia o Irmão sereno, aproximar-se do quarto, imediatamente me metia na cama, de novo, por se ter zangado deveras comigo, da primeira vez que fiz tal disparate, o referido Irmão, no que teve fundado motivo.

34. — Ainda, no que respeita aos castigos terriveis que esperava me fossem aqui applicados por motivo das victimas que supunha estar causando, succedeu que uma noite, á hora de deitar, ignoro porque motivo, fui conduzido a

um dormitório que existia contíguo a um dos pateos, em vez de me levarem ao quarto. Extranhando isso, que era contrario ao costume, e reparando ao entrar nesse dormitório, que êle era muito grande, tanto em comprimento como em largura, devendo poder comportar algumas dezenas de pessoas, o tecto e paredes, tudo branco, e aquele em fórma de abobada cylindrica, conclui que, como já anteriormente tinha, por diversas vezes, imaginado, não estaria no Manicomio de S. João de Deus, mas em qualquer casa misteriosa, por mim ignorada, e onde seria castigado, por fórma tambem misteriosa, das mortes e desgraças que tinha ocasionado, antes e depois da minha entrada aqui. Mandaram-me deitar numa das camas ali existentes, achando-se occupadas, por uma pessoa, todas as outras, e logo que deitado, dominado pelas doentias impressões a que venho de referir-me, ligando a idéa que se formára no meu espirito, da citada constructura e alvura interior do dormitório, com o facto de ter ao centro uma lampada mortíça que espalhava por toda essa enorme casa uma luz tenue e fraca, a meus olhos lugubre, convenci-me que fôra então conduzido a um singular panthéon, casa mortuaria ou carneiro tumular ignorado, para onde fossem transportadas pessoas semi-vivas, como o teriam sido as que já ali se encontravam quando

me deitei e supuz que estivessem, (muitas delas) ali ha bastantes anos, sem nunca mais se terem levantado, desde a sua entrada.

Pensei que essas pessoas, como eu o seria tambem sem demora, haviam sido, no momento da entrada em expiação de qualquer falta cometida, ou com fim qualquer vingativo, transformadas em mumias, enfeitçadas, ou de alguma fórma ressequidos seus corpos, tornados quasi esqueletos, e assim desvairado, julguei logo a seguir, sentir o meu rosto começar a mirrar de ambos os lados, a apertar-se, a comprimir-se cada vez mais, o mesmo me parecendo sentir nas mãos; ao mesmo tempo o pronunciado cheiro dos cadaveres, quando dêles nos aproximamos decorridas as 24 horas, e que já sentira em casa, nas vespervas de ser para aqui transportado, me assediava o olfato. Desta fórma, o aspecto da casa, a tenuidade da luz bruxuleante, o silencio e imobilidade dos enfermos, as exalações com a impressão de cadavericas que me perseguiam o olfato, e a compressão constante das faces e queixo, que não cessavam de contrair-se, imaginando que dentro em pouco só a pele restaria sobre os ossos da cara, não me deixavam a menor duvida que ficaria ali como que embalsamado ou feito mumia, até ao fim do mundo. Nesta impressão angustiosa permaneci até quasi de madrugada, parecendo-me que en-

tão adormeci um pedaço, só acordando quando os doentes que se achavam dentro dessa casa se começaram levantando, causando-me grande espanto vê-los erguer, assim, das camas, visto que os julgava para sempre immobilizados. Em materia de alucinações, áparte as das idéas e da sensibilidade que são, no caso deste N.º, também patentes, só teria havido uma *alucinação do olfato*, no cheiro a defuntos que julguei ter sentido, sem que tal pudésse ter sucedido.

35. — Alucinações de espirito, um tanto semelhantes á anterior, se deram comigo, num desses dias, em que me encontrava no pateo, de pé, conforme o meu costume então, e encostado á parede. Foi o caso que um dos Irmãos conduziu, desse pateo, alguns doentes, por uma porta do lado oposto e fronteiro áquele em que me encontrava, a qual deita para o jardim e quinta, levando-os talvez a dar ali algum passeio. Nessa ocasião um alienado que passava junto a mim, disse: «Lá vão aqueles para o inferno!» Não tomei este dito como fosse soltado por uma pessoa doida, mas como palavras justas e acertadas e nesta persuasão, pois, logo na mente me surgiram as mais disparatadas idéias tecidas sobre aquela frase. Assim, imaginei que afinal, onde eu teria sido conduzido, seria, como aliás já doutras vezes tinha pensado, a um logar de expiação de faltas e

crimes, e que se aqueles, sem duvida alguma, raciocinava eu, nunca tendo causado as desgraças e cometido as mortes por mim ocasionadas, assim eram castigados, sendo conduzidos áquele logar de sofrimento e expiação eterna; o que não sucederia a mim, que me considerava o maior dos criminosos! Mais pensei que o pateo onde me encontrava seria o Purgatorio, por vêr nêle, ás vezes, alguns alienados com o colete de forças vestidos e outros com as mãos atadas (os aggressivos, é claro), além disso uns chorando, outros gritando, etc., e que o outro pateo, para onde deitava a parede a que me achava encostado, seria o Ceu, para onde seriam conduzidos, depois de purificados pelo sofrimento, os que se achavam no recinto onde eu me encontrava. Fiquei sobretudo apavorado com a idéa de poder ser breve levado para o logar onde havia sido conduzido o grupo de doentes acima citado, e que imaginara ser o logar de eterna condenação aludido, e formei desde logo o proposito de não me deixar levar, opondo a mais tenaz resistencia se acaso o pretendessem fazer. Todavia, como o tempo fosse decorrendo e nada me dissessem com esse intento, tranquilisei-me um pouco.

36. — Admira-me imenso que, tendo eu, como supunha, causado aqui dentro tantas mortes pela electricidade e pelos vapores de iodo, an-

dando tanta gente pelo pateo, onde me encontrava habitualmente, na costumada atitude, de pé, encostado á parede, muitos passeando de um para outro lado, e passando bastantes vezes junto a mim, e devendo todos êles saber que eu fôra o autor desse morticínio, ninguem me agredisse, me batesse, me dirigisse a menor palavra de censura e reprovação. Isso atribui a que desejariam talvez certificar-se se eu era realmente o causador de taes desgraças, observando os meus actos futuros e se continuava o exterminio, reservando-se para me darem o castigo violento que merecia, então, no caso de bem se confirmar ser eu o culpado. A attitude inofensiva e serena de todos, no pateo, para comigo, não me tranquilisava, pois, em absoluto.

87. — Se via alguém, com um jornal na mão, lendo, evitava aproximar-me, dessa pessoa, ou se, por acaso, ela ia ler, proximo de mim, afastava-me, tudo para não ouvir o que ela estivesse lendo, pois supunha que o relato do enorme numero de mortos por mim ocasionado, viria em todos os jornaes, em extensas noticias em normando, citando-se mesmo o meu nome e apontando-o á execração publica. Não queria de forma alguma ouvir a descripção de taes proesas por mim cometidas, apesar de involuntarias, pois tal leitura me causaria horror e me encheria de angustia e aflicção.

38. — Como os doentes e mais pessoas que no pateo geralmente andavam, de mim não se aproximassem muito, attribuia a que o não faziam para não serem vitimas dos choques electricos que eu transmitia, sem querer, e de que saberiam já eu ser o autor.

39. — Mais uma vez a idéa de que ia sofrer cruel castigo, me torturou no seguinte: Ao recolher ao quarto, depois da ceia, para me deitar, em um desses dias, notei que sobre a pequena mesa ahi existente, se encontrava um embrulho grande, envolucro de jornaes, entreaberto um pouco, e deixando vêr no conteúdo,ervas quaesquer, sêcas. Disse então comigo: «Já sei, como o iodo e mais recursos de que teem lançado mão para me exterminar, não deram resultado, querem agora envenenar-me por meio de ervas, com propriedades toxicas, sem que seja preciso ingeril-as, bastando as exhalações que elas produzem, para envenenar um ambiente fechado e assim causar-me a morte, visto que não posso deixar de respirar o ar desses vapores toxicos impregnados». Apesar de assim raciocinar entendi que não morreria, mesmo por este processo, pois sendo um espirito, ninguem me conseguiria matar, por mais diligencias que para isso empregassem, como já anteriormente, em casos semelhantes, tinha raciocinado. Deitado na cama, e absorvido por

aquela idéa de que ia ser envenenado, não tardou que me parecesse sentir um cheiro esquisito e acre, os primeiros sintomas de envenenamento, um pouco agoniado, um gosto esquisito e amargo na bôca, e uma salivação constante, atribuindo sobretudo a esta, a prova de que me achava intoxicado. Esperava a cada momento que este estado se agravasse, ficando assim eternamente sofrendo como se tivesse ingerido veneno; vencido, porém, pela grande fadiga de espirito em que me achava, não tardou muito que adormecesse, talvez por espaço de 2 a 3 horas, e quando despertei, já não tive nenhuma das referidas impressões alarmantes, embora o embrulho lá estivesse ainda sobre a mesa. Fiquei, mais uma vez, admirado de não se terem realisado as minhas previsões terroristas, e como, mesmo no caso, não provavel, de estar realmente o referido pacote na mesa, eu tive talvez a impressão de um cheiro desagradavel e acre, sem que êle existisse, julgo haveria, a este respeito, uma *alucinação* do olfato, e emquanto ao mais, se não podem existir alucinações de paladar e de sensibilidade, seria decerto uma impressão sugestiva derivada da convicção de que estava sendo envenenado.

40. — Ainda, noutro assunto, se manifestou a minha obsessão, em diversas ocasiões, de que me encontrava numa casa misteriosa, onde de-

corressem coisas sobrenaturais. Assim, duma vez em que estava no pateo, junto á parede, fixando-a com atenção, reparei que nela existiam alguns traços sinuosos, em zig-zags, (eram feitos pelos doentes) e pensando no que isso deveria significar, supuz indicar que as faiscas electricas, por ocasiões de trovoadas, despedidas das nuvens, não saiam delas, mas eram aqui fabricadas, e dirigidas ao sitio onde deviam cair, quer fosse sobre a terra ou qualquer objecto ou edificio, quer sobre ou proximo dalguma pessoa, fulminando-a; assim depreendi do facto de terem aqueles traços a forma de zig-zags que essas faiscas descrevem no espaço, quando caem, e reparando que noutra parede proxima existiam tambem desenhadas umas coisas exquisitas, um tanto estapafurdias, (esboços fantasiados por alienados) tomei isso tambem como sinais misteriosos ou desenhos cabalisticos, indicativo de que coisas de magia aqui succediam.

De cama, na enfermaria, até á cura

Abre-se aqui, no decurso da minha doença mental, um intervalo pequeno, talvez um ou dois dias, com respeito ao qual, não sei precisar o que ocorreu, pois não tenho dele a mi-

nima reminiscencia, só me lembrando que me encontrei numa cama da enfermaria, em vez de estar na do meu quarto. A respeito dos desvarios da imaginação, depois que entrei na referida enfermaria, pouco ha, de novo, a mencionar, pois ali, mais isolado, e menos em contacto, portanto, com o meio exterior, o espirito não tinha ocasião de se expandir em tantas fantasias insensatas a respeito do que á vista e á intelligencia se deparava. Vou pois citar as impressões ou alucinações novas que senti, nos primeiros tempos da minha permanencia naquela casa de tratamentos, limitando-se as minhas idéas de então, em quanto ás mais, a matraquear e insistir, nos disparates anteriores, já extensamente descritos, nas paginas que ficam preenchidas.

Logo num dos primeiros dias, depois da minha entrada ali, e achando-me, como já dito, de cama, depois de me terem dado á noite, a refeição do leite, pela sonda, fiquei, recordo-me, em certo estado de sonolencia, tendo a impressão visual de que me encontrava dentro duma especie de gaiolá enorme, quadrada, (em que caberia bem uma centena de pessoas) mas em vez dos arames que guarnecem dos lados e na parte superior, as gaiolas, as linhas exteriores eram formadas de pontos luminosos, em côres variadas, á semelhança de pequenas lampadas

electricas multicores, tudo encimado de meias piramides e certas figuras geometricas desenhadas tambem a luzinhas de côres ligando-se áquele simulacro de gaiola, uma outra na parte inferior, exactamente igual, a esta outra, depois outra e assim sucessivamente, formando um conjunto ou agregado de enormes gaiolas, presas umas ás outras, mas só a primeira sendo fechada na parte superior pelas piramides e desenhos geometricos acima citados, não deixando porem todas de terem os contornos onde deveriam estar os arames, delineados com pontos luminosos policromos, o que me dava uma impressão feerica, de verdadeira magia!

Aumentou mais o meu assombro o facto de ter a impressão que todo este agregado de gaiolas fantasticas, numa das quaes me julgava metido, não estava fixo, mas sim ora descia em vertiginoso andamento, ora subia tambem com igual velocidade, mas sempre ligadas umas ás outras, tal qual como os alcatruzes de qualquer nóra. Pareceu-me que isto durou muito tempo, quero dizer alguns dias, mas quasi de repente cessou tudo, e olhando em redór, vi que me encontrava exactamente na enfermaria, na mesma cama e local que antes destas sensações. Durante uma ou duas semanas, fiquei na convicção de que realmente estes factos se tinham dado, e tanto assim era, que passando junto a

mim, decorridos alguns dias, numa noite e proximo das 10 ou 11 horas, o Irmão sereno, eu lhe disse, querendo aludir ao caso, «Voei, andei pelo espaço» ao que ele me retorquiu, por não perceber o significado das minhas palavras «o quê? Voou no espaço?» Mais tarde, raciocinei se tudo isto não teria sido um sonho ou ilusão dos sentidos; agora, apesar de estar absolutamente seguro de mim e das minhas faculdades, hesito ainda sobre se seria sonho, o efeito de qualquer medicamento narcotico que me tivesse sido proprinado para dormir e socegar, ou um delirio da imaginação derivado da excitação nervosa em que estava e teria dado causa a uma forte *alucinação visual* inclinando-me pouco para o lado de que fosse sonho, pois não costumo recordar-me dos sonhos que tenho, a não ser, algumas vezes, por pouco tempo, depois de acordar, e este caso ficou-me desde logo gravado na mente, nunca mais se apagando até hoje, apesar de decorridos 4 anos sobre a época em que êle ocorreu.

Não só durante as primeiras semanas da minha permanencia na enfermaria, como mesmo até talvez 1 ano depois, a apreensão de que estava produzindo mortes nas outras pessoas, pela electricidade, não se apagou do meu espirito; imaginava que mesmo ali deitado na cama, estaria transmitindo choques electricos

aos doentes que andavam pelos pateos, aos que estavam, como eu, na cama, na mesma enfermaria encerrados, e ainda aos doentes que ali vinham receber qualquer tratamento de ocasião e saiam logo cá para fóra. Com respeito aos doentes que andavam nos pateos, mais me convencia quando ouvia vir d'ali algum grito, supondo ser mais um que tinha morto; dos que estavam de cama, na mesma sala que eu, convencia-me disso tambem, sempre que algum morria, imaginando têr sido eu que o matára com um choque e quanto aos que vinham receber qualquer tratamento accidental, como aconteceu algumas vezes, que alguns já idosos, caissem no chão com qualquer tontura, julgava desde logo tê-los tambem morto. Tal era o meu convencimento de que estas coisas sucediam, que por algumas vezes disse ao Irmão Eulalio, em ocasiões em que de mim se aproximava, «eu é que matei esta gente toda», «devo ser queimado vivo num forno» como já anteriormente havia dito, conforme já descrito, disparates do mesmo genero, ao Irmão sereno, quando eu ainda andava de pé.

Admirava-me então muito que estando eu cheio de electricidade, e convencido que pelo fluido electrico dava causa á morte de muita gente, estando os Irmãos tantas vezes em contacto comigo, não só para applicarem a sonda,

como para o mais que era preciso, eu não tivesse morto, involuntariamente, é claro, nenhum por aquele meio; explicava o caso, raciocinando sobre êle, que isso seria devido a trazerem, sob a bata clara que usam, o fato exterior revestido de qualquer substancia isoladora da electricidade, o que daria occasião a não poderem sofrer a acção da corrente de mim transmitida. Da mesma fórma pensava, com respeito ao calçado que usam, supondo mesmo que seria especial, já feito propositalmente para resistir ao efeito das minhas correntes electricas. Teriam adoptado estas precauções, por haverem já descoberto o efeito que eu produzia nas outras pessoas, dando-lhes a morte por aquele meio.

Nunca me levantava para ir á retrete, nem fazia uso do vaso que ao lado da cama collocavam, porque, devido á aflicção em que estava pela revolução que me ia no cerebro, e tão grande criminoso me fazia crêr, não queria saber de nada, do mundo, considerando-me inteiramente perdido fisicamente; e o que ainda mais me impressionava, supondo o estaria talvez tambem espiritualmente, em consequencia de me julgar, muitas vezes, transformando em espirito, que poderia ser maligno. Alem disso, muitas vezes quando ia para me levantar, sentia vertigens fortissimas na cabeça, o corpo pesa-

va-me imenso, perdera a agilidade e facilidade de movimentos, sentia-me extremamente fraco, e calculava que ao levantar-me, se o fizésse, cairia no chão; não tinha força alguma nos braços, que difficilmente podiam aguentar o menor peso e começava a sentir as pernas contraídas um tanto, contracção que foi augmentando com o decorrer do tempo, o que entendia, e de facto succedia, quasi me impossibilitava de nelas me fiar e dobra-las. Tudo isto fazia com que me abandonasse a mim mesmo, sem de nada querer saber, convencido, mesmo, que não dispunha de forças fisicas, nos braços e nas pernas, para aqueles efeitos.

Em certo dia vi que, por esquecimento provavel, haviam deixado ficar aberta a porta da enfermaria que dá acesso, por uma pequena escada, ao dormitorio de 3.^a classe. Como isto succedeu poucos dias depois de ter ali entrado e por obter um meio de pôr termo á afflicção moral e fisica em que me encontrava, lembrou-me de fugir por essa porta, não para casa, mas para vaguear, correr por estradas, montes e serras, afastando-me de todos quanto possivel, afim de não matar ninguem com a electricidade; e como me facilitasse a execução d'essa idéa o facto de não estar, naquele momento, ninguem na enfermaria, levantei-me, assim como estava na cama e dirigi-me para a porta, disposto a fugir, sem

mesmo reflectir se estariam ou não fechadas as portas que se me deparassem no trajecto até á saída. Ao dar, porem, os primeiros passos, assim que saí a porta, olhando para o lado esquerdo, na direcção da já referida escada que conduz ao dormitório, pareceu-me vêr existir ahi uma pequena casa, na qual logo encostado á parede da entrada, se achava sentado um individuo, vestido, imovel, numa das taes cadeiras especiaes de madeira, a que já aludi; a sua cabeça estava um tanto inclinada sobre o peito, tinha bigode e cabelo louro carregado, quasi castanho, oscilava levemente com a cabeça para baixo e para cima, mas não volvia os olhos para parte alguma, e estava inteiramente silencioso. Encostado á parede contigua e que ficava á esquerda daquela, sentádo a uma pequena secretaria, pareceu-me tambem vêr um individuo, figura semelhante á outra, mas com uma caneta na mão, em attitude de quem escreve; porem, estava absolutamente imovel, a propria mão que sustentava a caneta, paralisada. Ao vêr estas duas figuras, tomei-as como dois mortos embalsamados, ou então, visto que um movia a cabeça, como dois espectros ou fantasmas que ali estavam para me impedir a passagem, e aterrorisado recuei, indo logo meter-me, de novo, na cama. Visto que nesse local, não existe nem existia quarto nem casa alguma, mas sim uma simples escada,

julgo dever concluir-se que não foi mais do que uma fortissima *alucinação visual* em pleno dia.

Ainda com referencia á electricidade de que me julgava possuido, aconteceu nos primeiros meses de enfermaria, que devido talvez á causa fisica da excitação ou tensão nervosa que de mim se apoderára, por motivo da tendencia terrorista da imaginação, sentia de espaço a espaço, uns esticões grandes nas pernas e tronco, sobretudo naquelas; como que pulos repentinos e bruscos de toda essa parte do corpo, especialmente, como digo, das pernas, mas eu não attribuia isso a qualquer causa fisica derivada da doença, mas sim a que, de cada vez que dava esses saltos, era um choque electrico que transmitia a alguém que andasse no pateo, ou mesmo cá fora na estrada ou noutro sitio. Esses saltos bruscos dos membros locomotores, a que decerto a sciencia dava uma denominação propria, foram depois, com o decorrer do tempo e dos meses, tornando-se mais fracos e menos frequentes, chegando mesmo a passar-se dias sem se darem, e por ultimo, achando-me ainda na enfermaria, até semanas. A verdade, porem, é que actualmente, apesar de decorrido quasi meio ano sobre a epoca da minha cura mental, ainda alguns, muito fracos, quasi imperceptiveis tenho sentido, quasi sempre com largos intervalos de semanas.

Nos primeiros tempos (talvez os dois primeiros meses decorridos sobre a data da entrada) de enfermaria tinha a impressão de que essa dependencia do edificio, com ela todo o pavilhão, com este o edificio inteiro, com o edificio toda a terra em redór e com esta emfim todo o globo terrestre, desciam vertiginosamente no espaço como que indo a precipitar-se num abismo insondavel, e portanto sem fim. Não sei se seria uma simples impressão imaginativa ou uma verdadeira *alucinação visual*.

Ainda com referencia aos desvarios da imaginação, supondo iminentes sobre mim castigos crueis pelo exterminio que tinha feito nesta casa e em todo o mundo, aconteceu uma vez que vendo passar frequentemente nessa noite, junto de mim, o Irmão sereno, julguei que êle andava minando a minha cama, por debaixo, com dinamite, algodão polvora, nitro-glicerina, polvora, ou qualquer outro explosivo, afim de, em dado momento, naquela noite, fazer ir pelos ares a cama, comigo em cima! Esperava, assim, a todo o instante que a sentença terrivel se executasse, indo pelos ares e fazendo-me em pedaços, e foi com surpresa minha que vi chegar a manhã, sem nada disso ter sucedido!

Foram passando as semanas, decorrendo os meses, e como ia vendo que nenhuma das minhas previsões se realisava, que o mundo não

se acabava, que cá dentro do edificio, inclusivé o pateo, existia ainda muita gente, fui raciocinando a esse respeito, e ainda que muito lentamente, convencendo-me de que afinal tudo eram desvarios imaginativos, sem que comtudo não deixasse de haver muitas ocasiões em que duvidava, isto é, hesitava em me pronunciar, mentalmente, a esse respeito. Certo é, porem, que decorridos pouco mais de três anos, aproximados, sobre a minha entrada neste Hospital, eu tinha renunciado a todas as idéas disparatadas, e mais bem disposto de espirito que anteriormente e tambem menos fraco que estava no decorrido tempo de internamento, tambem conseguia já levantar-me da cama e servir-me, embóra com muito custo, devido á contractura das pernas, proveniente da imobilidade em que me mantinha, do vaso proprio ás eliminações necessarias.

Uma cousa, porém, existia que poderia ser considerada ainda como obsessão de espirito; era a recusa, ao meio natural da alimentação, isto é, comendo e ingerindo assim os alimentos, e digo *poderia ser*, como diria poderia não ser, porque nessa altura pouco mais decorridos que três anos, sobre a epoca do inicio da minha doença mental, eu estava já convencido que não era espirito, mas sim, ainda, um ser inteiramente humano, e sujeito ás mesmas leis fisiologicas

a que estão subordinados os individuos. O que por essa ocasião ainda tinha, como durante uns meses, mais tarde, até que me convenci a tomar o leite naturalmente pelo copo, e por fim, a comer, nessa ocasião, com certo fundamento, para eu reccar, da absorpção natural dos alimentos, consistia em me parecer ter as paredes interiores do estomago comprimidas, os movimentos interiores da garganta serem-me dificeis, reconhecer que a deglutição era custosa, o trabalho da mastigação quasi impossivel, por existir grande prisão nos musculos da maxila inferior que entrava em acção nesse acto e porque os dentes estavam quasi cobertos pelas gengivas, que se dilataram ou cresceram, talvez tambem hipertrofiadas.

Estas anormalidades da garganta e boca, conforme mais tarde me disse S. Ex.^a o Sr. Dr. Cebola, eram devidas á longa imobilidade em que haviam permanecido, e quanto á compressão que sentia no estomago, isso, supponho fosse de ser preciso, para me alimentar devidamente, darem-me a cada refeição, de sonda, cerca de 1 litro de leite.

Emquanto estivera tomando leite pela sonda, o irmão Julio dos Santos, Eulalio e outros haviam bastantes vezes insistido comigo para abandonar este sistema de alimentação, por assim dizer, artificial, mas a minha recusa era

sempre formal, e cerrava fortemente os dentes e a boca, quando pretendiam, com energia, fazer com que ingerisse qualquer copo de leite, que me chegavam aos lábios, a ver se assim abriam caminho para que tomasse também alimentos sólidos. Nada pois era possível conseguirem, e a minha recusa fundava-se sobretudo na obsessão de que era espírito ou não tinha ou não podia funcionar o estomago, conforme atrás explicado. Como, porém, decorridos talvez uns 3 anos e meio essa apreensão, aliás fortíssima, havia desaparecido, só restando as razões de ordem física ha pouco referidas, que me faziam recear da ingestão natural dos alimentos, tendo o irmão Eulalio mais uma vez insistido comigo para que ao menos tomasse um copo de leite, apesar de eu muito recear de não o poder ingerir, pelas razões expostas, tentei fazê-lo aos pequenos golos, pois de outra forma reconheceria ser-me absolutamente impossível, e consegui então, assim aos golos, com custo por ser difícil a deglutição, tomar esse copo, e a seguir, nas mesmas condições, mais dois. Todavia, depois de tomá-los estava receoso não ficassem no estomago e tivesse que vomita-los, o que não sucedeu, como nunca tinha acontecido anteriormente, quando tomava o leite pela sonda. Esse receio de não poder ingerir o leite naturalmente, ou não po-

der o estomago comportá-lo, foi sucessivamente diminuindo, como ia diminuindo a dificuldade da deglutição e dos movimentos locais, até que fiquei absolutamente convencido de que podia, sem a menor hesitação, tomar o leite pelo copo. Restava que comesse, isto é, que tomasse os alimentos solidos, para voltar, por inteiro, á normalidade alimentar, mas eu opunha-me um pouco a isso, devido não só ás dificuldades de mastigação que realmente sentia se dariam, mas ainda a supôr que sendo provavel talvez o esofago ou a faringe estarem inflamados ou inchados devido á longa applicação da sonda, o alimento solido não passaria naquêle canal, sobretudo, porque a mastigação forçosamente seria muito incompleta. Essa dificuldade, que eu receava, removeu-a o enfermeiro, começando por me dar com o leite, alguns bolos macios, que molhava naquêle liquido, e passando depois a dar-me alimentos de facil passagem no referido canal, para os quais bastasse uma leve mastigação, como canja de arroz, sopa de massa com muito caldo, sopas de café tendo este em abundancia, etc. e assim, gradualmente, passando depois aos alimentos mais sólidos, se me foi desentorpecendo a garganta, boca, gengivas e dentes, até chegar a comer, triturando facilmente com os dentes, carne assada, cosida, feijão, grão, etc. Estava, pois, rea-

lisada a cura radical da minha maior mania, o que devido á minha pertinacia irreductivel em mantê-la, representava um verdadeiro triumpho.

Antes de me convencer a tomar o leite pelo copo, era tal o medo que tinha de ingerir naturalmente qualquer alimento, receando a asfixia, por não poder engulir, ou não poder o estomago (se existia) comportá-lo, que preferia sujeitar-me á impressão e sofrimento da sonda, maiores especialmente quando, como muitas vezes succede, ao introduzir o tubo desse aparelho, êle não seguia o canal proprio, mas penetrava na laringe, a caminho dos pulmões, produzindo violentas sufocações e sendo necessario retirar-lo immediatamente, para se fazer seguir o trajecto devido. O facto de poder tomar o leite pela sonda e o estomago poder contê-lo explicaram-me então, porque, assim violentado o aparelho digestivo, desde a boca ao estomago, era possivel a introdução do alimento e a sua conservação ali, o que não succederia alimentando-me normalmente. Reconhecia já a necessidade da alimentação, e apesar de ver sempre com angustia aproximar-se a hora da applicação da sonda, pelo que ia sofrer com essa operação, preferia isso a comer ou tomar leite, por recear a asfixia, nesta ultima hipotese.

Depois que, ainda de cama, na enfermaria, mas já muito melhor da enfermidade mental, ti-

inha abandonado e renunciado a todas as idéas disparatadas, deixando de julgar-me um espirito e passando assim a considerar-me um simples mortal como qualquer outra pessoa, entendia achar-me mal e em absoluto inutilisado fisicamente; comtudo, não esperava morrer ainda muito breve, embora para a morte, supunha, caminhasse depréssa; d'isto me convencia, não só por o pessoal da enfermaria contar que eu não duraria muito tempo com vida, mas porque as pessoas estranhas que iam ahi em visita a qualquer doente, ou por ahi precisavam passar, ao terem conhecimento do meu caso, tambem para breve profetisavam a minha morte, era comtudo menos pessimista que todos esses, por me parecer que ainda poderia viver meses bastantes, nessa situação.

Desde a cura mental até sair desta Casa

Achando o director-clinico, sr. Dr. Luiz Cebola, -que as minhas faculdades mentaes já estavam funcionando normalmente, visto que desaparecera a recusa á alimentação natural, a unica cousa que então poderia ser considerada como obsessão, tratou de me fazer levantar da cama, o que já meses e semanas antes havia diligenciado, mas não conseguido, porque eu a isso me opunha, em parte, com fundamento, pois me

achava em taes condições fisicas que só na cama estava bem. Afinal cedi, reconhecendo mesmo a conveniencia que nisso tinha, por me poder ser util o movimento.

Como me sentia, quando comecei a levantar-me

Devido á minha estada na cama, durante 3 anos, e na qual me mantinha em quasi perfeita imobilidade, deitado sobre o lado direito, porque me incomodava o coração e não me sentia bem deitado sobre o esquerdo, ao começar a levantar-me, como já anteriormente o conhecia estava quasi por inteiro tolhido, alem de fraquissimo, em musculos, apesar de mais nutrido do que quando entrara, anos antes, para a mesma enfermaria. As pernas, devido a tê-l-as quasi sempre dobradas, estavam contraidas no sitio da flexão, ao caminhar, e a contractura era muito maior na direita, supponho, devido a estar sempre deitado sobre este lado, e a tél-a, por isso, mais encolhida que a outra, tendo mais a suportar o pêso daquela. Quasi não podia, pois, dar um passo, e tinha tambem a cabeça dobrada, um tanto sobre o peito, sem duvida em consequencia da longa permanencia, de dia e noite, sobre a almofada, obrigada sempre á mesma posição, e que haveria produzido a flexão ou curvatura dos musculos do pescoço ; sentia dô-

res na parte inferior da espinha dorsal, na propria espinha e devido á fraqueza em que estava, ficara extenuado e ofegante ao dar meia duzia de passos. Sentia um pouco de torpôr cerebral, as idéas ocorrendo, mas bem mais lentamente que antes de, em Lisboa, adoecer, e a memoria estava um tanto enfraquecida, mas não em demasia.

Restabelecimento fisico quasi completo

Em vista da quasi impossibilidade que então tinha em andar, as primeiras semanas, e mesmo os primeiros 2 e 3 mēses, passei-os, de dia, sentado a uma mesa da enfermaria, onde tambem comia, e como me encontrava bastante triste pela quasi impossibilidade fisica a que me via reduzido, por ordem do sr. Dr. Cebola, os Irmãos, para me distrair, deram-me alguns livros para lêr e mais tarde, com o mesmo louvavel intento, alguns pequenos trabalhos de tradução, etc. para fazer, o que tudo bastante estimei, porque distraindo-me e retirando-me do abatimento moral em que estava, exercitava-me e desembaraçava-me a memoria e o raciocinio, que, como disse, achava um pouco entorpecidos. A dificuldade em andar é que ainda era grande, acontecendo mesmo que, sempre que precisava, por qualquer motivo, levantar-me da

mesa até a cama, (distante uns 5 ou 6 metros), se não estava proximo quem me amparasse, tinha que faze-lo de *gatas*. Todavia, começaram os Irmãos, depois, por levar-me amparado, ou antes, agarrado, pois só o amparo não bastava, até ao jardim, e á cerca onde passava sentado alguns bocados e assim me fui fortalecendo e desenvolvendo um tanto mais, só a contractura da perna direita, por ser muito grande, se mantendo com pequena diferença.

Comtudo, ao fim de alguns meses, (as melhoras do meu estado fisico progrediam sempre, mas com lentidão) auxiliado com uma especie de cajado que me forneceram, já consegui caminhar sósinho, e como ia executando alguns trabalhos de escrita, de dia, intervalados com horas de descanso, o meu espirito ia-se tambem desanuviando e encontrava-me mais bem disposto. Mais tarde, isto é, ha 5 ou 6 meses pude dispensar o cajado, embora a contractura da perna direita ainda se mantivésse, mas já muito atenuada, e continuando com horas intercaladas de descanso e trabalho e alguns bocados de passeio, a pé, diarios, pela quinta, assim fui adquirindo maior facilidade de movimento das pernas, desaparecendo tambem, mas isto muito antes, a curvatura da cabeça devida ao geito tomado pelos musculos do pescoço, ao passo que o animo e energia de espirito se acentua-

vam cada vez mais. Assim cheguei ao estado actual, que me permite retomar o exercicio da minha occupação professional, ainda que um pouco moderadamente, pois as minhas forças, sofreram, é claro, certa depressão, comparada com as possuidas antes da doença, o que resultou evidentemente dos abalos moraes e fisicos sofridos, (dos ultimos, o principal, a introdução da sonda, pelas narinas, cerca de 3000 vezes) e ainda do avanço de quasi mais 5 anos, em idade. A contractura da perna direita é que não se extinguiu de todo.

Tratamento

— Simplesmente como lembrança, pois melhor do que eu sabem S. Ex.^a o Sr. Dr. Cebola e Enfermeiros qual me foi applicado, citarei que nas primeiras semanas, a seguir á minha entrada, me foram dados alguns banhos, de diversas especies, na casa especial a elles destinada, e em medicamentos lembro-me de ter tomado, como já disse em certa altura deste relato, um purgante de citrato de magnesia, logo que aqui entrei; depois d'isso, recordo-me algumas semanas mais tarde de vêr deitar no leite o conteudo duns papelinhos, que me pareceu ser uns pós brancos; passado tempo ouvi ao Enfermeiro dizer que me tinha deitado igualmente no leite calo-

melanos, com efeito purgativo, e por ordem de S. Ex.^a o Sr. Dr. Cebola; quando me comecei levantando da cama para a mesa, na enfermaria, lembro-me de ter tomado, ás refeições, umas colheres, das de sôpa, duma agua branca, amarga, que não sei o que fosse, mas julgo poder ser iodeto de sodio, pelo gosto dela; mais tarde, foram-me dadas umas colheres de oleo de ricino e agora, ha algumas semanas, dois frascos de glicero-fosfato de cal e outros remedios.

Agradecimento

Não termino estas mal alinhavadas notas, sem aqui consignar o meu reconhecimento para com S. Ex.^a o Sr. Dr. Luiz Cebola pelas atenções que sempre me dispensou, para com o Sr. Superior e Irmãos que na enfermaria, ou de perto, me trataram, pelo carinho e interesse pelas minhas melhoras que sempre demonstraram, e bem assim a minha gratidão pelos beneficios recebidos e massadas e trabalho que comigo tivéram.

NOTA:

Por esquecimento, não referi, na altura competente o seguinte: Na vespera, ou ante-vespera, de seguir de Lisbôa para aqui, numa

das crises de maior agitação, tendo-me levantado da cama, seriam umas seis e meia da manhã, dirigi-me para a cosinha onde então estava minha irmã, tratando dos primeiros preparativos para o almoço, na convicção de que não tardaria a ser preso ou morto, e para que sobre a minha memória não ficassem incidindo afirmações coluniosas, disposto a préviamente justificar-me de quaisquer acusações nesse sentido; no momento, porém, em que ia a soltar as primeiras palavras com esse fim, ouvi distintamente uma voz oculta, segredar-me ao ouvido: «Olha que estou ouvindo tudo». Tomei estas palavras como proferidas pela pessoa, que diversas vezes citei, no decurso desta narrativa, e considerava o meu principal inimigo, mas, por excepção nesse momento, enchi-me de energia para não atender a tais palavras, apesar de convencido terem sido ditas por êle, visto que lhe atribuía o poder de devassar os meus pensamentos, por meio do radio, estabelecendo a ligação entre o cerebro dêle e o meu, e que isso teria advinhado que eu pretendia justificar-me, advertindo-me por aquela frase, que o não fizésse, pois se vingaria; cheio pois de coragem para o que dêsse e viésse, disse a minhas irmãs: «Serei acusado de desfalques, de roubos, mas é falso, não roubei nada, podes afirma-lo» e se não foi exactamente, por estas

palavras, foi coisa semelhante, ao que ela respondeu «Quais roubos, nem meios roubos, todos sabem que não roubáste nada». Houve neste caso uma *alucinação auditiva* bem pronunciada, é evidente, nas palavras que imaginei ditas ao meu ouvido, pelo referido individuo, sem que tal coisa pudesse ter acontecido.

Telhal, 29 de Setembro de 1922.

A. M.

ANALISE PSICO-CLINICA

Analise Psico - Clínica

O conceito da melancolia

Finda a leitura da *Historia dum Louco*, resta analisá-la, inquirindo se algum subsidio fornece aos modernos trabalhos de psiquiatria.

Porém, antes de o fazer, vou, à laia de introito, recordar, em breves palavras, as contribuições de maior tómo que, através dos seculos, engrandeceram o conhecimento da melancolia.

Já nos velhos tempos do classicismo helénico, Hipócrates lhe chamava *loucura atrabiliária*, filiando-a na ação perniciosa da *bilis negra* sobre o sangue. Depois, sucessivamente, Areteu de Capadocia, Galeno, Dió-

cles de Caristo, Celso e outros observadores notaveis se occuparam dela. Mas só, muito mais tarde, marcam assinalados estádios de progresso, na formação do seu conceito, a *lipémania* de Esquirol, a *hipocondria moral* de Falret, a *melancolia estuporosa* de Bailarger, as *tendencias negativistas dos melancolicos* dos precursores Lauret, Grésinger e Guislain, o *delirio sistematisado de negações* de Cotard, os *estados melancolicos dos degenerados* de Magnan, a *psicose maníaco-depressiva* de Kraepelin e as *distenias cíclicas* de Tastevin. Desta sorte não sido, pouco a pouco, interpretados os varios fenomenos da affectividade triste e asténica.

Quanto mais estudo a sua génese e as suas modalidades, mais me convenço de que a qualquer situação psíquica, de tom emocional penoso, corresponde sempre uma base física: ou seja determinada por um agente microbiano ou toxico ou nascida mesmo de simples afecções morais (a notícia da enfermidade duma pessoa amiga) ella é, no resultado final, a expressão do quimismo alterado da célula nervosa. Não deve, pois,

considerar-se um erro afirmar-se que existem doentes imaginarios?

Genealogia

Logo no começo da *Historia* que A. M. escreveu, surge uma nota, digna de registo.

O capítulo, referente á sua genealogia, é bem comprovativo da alta importancia que a hereditariedade assume na eclosão das psicopatias. Constata-se que, pelo menos desde os avós, esse conditionalismo fatal se transmitiu invariavelmente — ora, como no inicio, a esboçar ainda a tendencia para a vesania, sob a forma de doença organica cerebral, ora, como nas épocas ulteriores, já definida, a vincar o seu character psíquico dentro dos ramos colaterais.

Outro-sim lá se demonstra que a aptidão morbida latente, criada pelas taras hereditarias, manteve inalteravel o seu tipo homólogo, facto amiude surpreendido, quando se lança vista sobre a arvore familiar dum melancolico cíclico.

Antecedentes pessoais

Embora houvessem sido negativos os processos de investigar a lúes, destaco dos antecedentes pessoais, por representarem um certo valor diagnostico, as erupções cutaneas, renovadas em cada primavera; e, em seguida, os acessos que vieram adiante, muitos anos, a denunciar a grande psicose futura.

Eles reforçam o meu juízo ácerca das loucuras que germinam e se desenvolvem, paulatinamente, nos terrenos assaz ricos de acumulação degenerativa. Com efeito, os primeiros rebates dessas doenças psíquicas, de marcha prolongada e acessual, usam mostrar-se tão efemeros, tão esquematizados, que passam despercebidos a um observador inexperiente; ou são tomados á conta de entidades patologicas diferenciadas, sem nexos fortes a ligá-las nem sinais comuns na fisionomia a imprimir-lhes ar de parentesco.

Assim orientados, alguns mentalistas só admitem a melancolia verdadeira, durante a idade crítica. Pois eu julgo que a razão prin-

cial de ela se manifestar com maior estrondo, na fase involutiva, são os profundos abalos por esta originados e comunicados a todo o organismo que já vai perdendo a sua antiga resistencia.

Etiologia

Uma dor moral intensa fez, no cerebro de A. M. rebentar a loucura que de arroio se tornou caudalosa torrente, bramindo e sussurrando em vagalhões de mar.

Essa emoção dolorosa foi, sem duvida, motivada, no exercicio da sua profissão, por actos irregulares que outrem praticára; mas, constitucionalmente predisposto ás desordens da psique, começou, desde logo, de os ampliar em demasía. O receio de que lhos atribuissem, a breve trecho se transformou em certesa.

Incapaz de abraçar a solução facil que se lhe oferecia, prendeu-se á ideia fixa torturante que o arrastou para um abismo tenebroso donde só conseguem libertar-se raras vítimas de tamanha desventura.

Do íntimo consorcio do pesar sofrido — causa imediata — e da idade critica — causa determinante — nasceu a doença mental de A. M. que desabrochou numa exuberantíssima floração.

Período de cristalização

Se acrescentar á obsidencia da irremediavel desgraça, prestes a esmagá-lo, a tristeza, a inquietação, a astenia, o enervamento, a epigastralgia e a insônia, terei reconstituído o período de cristalização em que êle assistiu ao primeiro acto da sua tragedia, apavorado e impotente para a conquista do triunfo.

A debater-se numa luta que lhe não dava treguas, atingiu um dia a extenuação; e, gastas as ultimas energias, teve de cair vencido.

Período de estado

Rôto o equilibrio cenestesico, as impressões recolhidas em diversos departamentos

chegam ao cortex, dissonantes e tumultuarias, de maneira a instalar-se o segundo período. Agora as perturbações alastram até aos mais reconditos escaninhos do organismo. Pensa, convicto, que tudo se desconjunta dentro da sua carcassa. Sensações estranhas se crusam ao longo dos neuronios, seguindo rumos diferentes e ignorados. Algumas, porém, se localizam e dão-lhe a raquialgia, a angustia précordial, o vacuo toracico, as zonas termicas, os formigueiros subcutaneos, a extrema levesa de si mesmo e a visão nebulosa. Quere dizer: soára a hora funesta de imperar o caos — desaparecendo num eclipse a personalidade consciente, para ficar, em seu lugar, um mísero far-rapo humano.

Erros psico-sensoriais

Na *Historia dum Loucô* os erros psico-sensoriais mostram grande relevo — pela sua intensidade, frequencia, dissemelhança e luminosidade.

Multiplas foram as imagens pnemonicas

latentes que se reativaram na esfera centrípeta, entrando em polícromas combinações.

Percebidas, com ou sem estímulo exterior, elas convergiam, em regra, para o mesmo ponto, ao sabor da corrente emotiva.

Umás vezes, o mais insignificante successo desenrolado no ambiente constituia-se propício ensejo, para determinar alucinações, que, ao projectarem-se, traziam consigo a feição peculiar das ideias predominantes, sendo, em resumo, a sua expressão bisarra. Outras vezes, apareciam de chofre, mercê da acção forte dum pensamento que lhe emprestava conteúdo pitoresco ou dramático. Finalmente, ilusões despertaram alucinações vivazes; e estas, embora só em casos excepcionais, uniram-se a imagens de seres que tinham existencia real.

*

* *

Para documentar as minhas afirmações àcêrca dos fenomenos psico-patologicos a que eu acabo de me referir, numa global apreciação, basta respigar os mais salientes.

A voz despotica do «inimigo», de A. M. ordenando-lhe, sob ameaça de morte, que realisasse, em quarenta e oito horas, um complicado serviço, irrealisavel dentro de praso tão curto, foi o rastilho da retumbante deflagração.

Esta desordem auditiva encadeou-se logo á idéa depressiva do infortunio donde brotaram, em torvelinho, copiosos paralogismos.

Em certa noite de insonia, êle ouviu nitidamente ruídos de chaves abrindo portas do seu domicilio, passos no corredor e cosinha, agua caindo em jorro num recipiente que se ia enchendo e facas a afiarem-se nas bordas dum alguidar.

Estas alucinações foram claramente percebidas e projectadas; e revestiram tal aspecto de realidade, que A. M. sofreu um abalo profundo com todas as suas características emotivas:

«Imaginei, pois, ver chegado, enfim, o último momento da minha vida e um estremecimento nervoso me percorria os membros, sentia calafrios e preparava-me para a morte».

Mas nelas se descobre ainda uma faceta curiosa: a sua interpretação simbolica que ressalta das palavras de A. M.:

«Assim como a agua corria em jorro da torneira, assim o sangue ia correr em abundancia do meu corpo.»

Tendo falhado os conselhos piedosos dum sacerdote a quem se confessára, no intuito de salvar a alma pecadora e criminosa, mais se afundou nos círculos infernais dos seus pensamentos lúgubres. A hora avançada e escura da noite imediata, um «turbilhão enorme de mosquitos,, zumbindo em volta de si, anunciou-lhe estar iminente um terrível castigo divino.

Examinando este morbido transe de A. M., facilmente se compreende que a ideia chocou e deu a lume a alucinação auditiva, conservando ambas o seu paralelismo na subida para a saturação do estado emocional. Por outro lado, as vozes alucinatorias que primitivamente se lhe apresentaram com modestia, oriundas de terrestres e humanos influxos, já tinham evoluído tanto, que irradiavam agora da onipotencia de Deus.

A engrenagem das peças do jogo psico-sensorial-delirante trabalhava na maxima justesa. Desta arte, uma simples alucinação poudeservir de base ao delírio — e a seus congéneres — tecido com os elementos fornecidos pela telegrafia sem fios.

No momento em que A. M. alucinadamente vê uma tabua de catre e, palpando-a, saltou por cima desse objecto imaginario, alusivo á sua morte proxima, a fugir e a gritar espavorido, patenteou-se, além do alegorismo e crise de angustia, um factopsicopatologico invulgar. — A alucinação otica produziu outra de natureza tactil que, em vez de apagar aquela, a intensificou e se lhe juntou, no sentido de criar a enganadora convicção duma verdade irreal.

O numero de transtornos visuais, colhidos á *Historia dum Louco*, é variado e extenso — o que não succede geralmente nos melancolicos.

A proposito, vou extractar alguns que se manifestaram de parceria com o simbolismo cabalístico, distinguindo-se tambem um dêles pela sua autoscopia.

— A. M. recebe transmitido pelo seu “inimigo irreductivel”, um radiograma intimativo, com letras douradas, onde lê:

«Não comas!»

— Um facho de luz vermelha que risca o ceu, é para êle um aviso fatídico sobrenatural.

— Detraz dum piano levantam-se fantasmas de mulheres.

— A caminho do Telhal surpreende quatro pintas vermelhas na face da irmã.

— Sobre um pano branco, suspenso duma janela, a sua figura, ladeada por um cozinheiro e um rapaz trajando *smoking*, é apontada á multidão vingadora:

«Eis aqui o homem!»

— Aflito, por ter sido o exterminador do mundo, crava o olhar medroso e esgaseado no espectro dum ancião, a soerguer-se do centro duma cadeira-mesa,

«de cara rapada, surgindo á vista apenas da cintura para cima, mas em linhas apagadas, tenues, meio diafanos...»

que lamenta baixinho a hecatombe:

E o mundo era tão bonito!

Em circunstancias adequadas, as suas percepções reais chamavam a si alucinatórias imagens que se conjugavam harmonicamente. — Quando o carro que o conduziu ao manicómio, parou junto do atrio, o painel de S. João de Deus, colocado ha muitos anos na parede do pavilhão contiguo, impressionou A. M. Dirigindo a vista, em continente, para o frontespicio da portaria, a sua imaginação cobriu-o de azulejos e mosaicos, dispostos em forma de quadros, inspirados no *Flos Santorum* e mesclados de caprichos arabescos.

Um dia achando-se na cerca, a sua fantasia morbida colocou figurinhas de cavaleiros sobre o dorso dos passaros que saltitavam perto.

*

*

*

Em todos os campos do sensorio floresceram as alucinações, ainda as mais raras, como as olfativas e gustativas. Estas, asso-

ciadas ou não, bem as acusou A. M., a ponto de

«um cheiro desagradavel e acre».

exalado de

«ervas com propriedades toxicas»,

lhe provocar

«os primeiros sintomas de envenenamento: um pouco agoniado, um gosto esquisito e amargo na boca e uma salivacão constante.»

Tambem uma filarmonica a tocar, atraz dum enterro, lhe sugeriu um

«cheiro a cadaver».

que se foi desvanecendo a par e passo da diminuicão progressiva dos sons musicais; isto é: uma percepção real gerando uma outra sem objecto e ambas caindo simultaneamente no ocaso.

*

* *

Quanto ás alucinacões tactis, já recordei algumas; e, a respeito das quinestesicas,

vale a pena exemplifica-las, atenta a sua importância.

«Nos primeiros tempos (talvez os dois primeiros meses decorridos sobre a data da entrada) de enfermaria, tinha a impressão de que essa dependencia do edificio, com ela todo o pavilhão, com este o edificio inteiro, com o edificio toda a terra em redor e com esta emfim todo o globo terrestre, desciam vertiginosamente no espaço como que indo a precipitar-se num abismo insondavel, e portanto sem fim».

A seguinte alucinação quinestesica especialisa-se pela sua forma vestibular e associação íntima com outra visual, riquíssima de imagens coloridas, macroscopicas, cinematicas e as duas perdurando unidas até se extinguirem subitamente:

«Achando-me de cama, depois de me terem dado, á noite, a refeição de leite, pela sonda, fiquei em certo estado de sonolencia, tendo a impressão visual de que me encontrava dentro duma espécie de gaiola enorme, quadrada, (em que caberia bem uma centena de pessoas); mas em vez dos arames que guarnecem, dos lados e na parte superior, as gaiolas, as linhas exteriores eram formadas de pontos luminosos, em cores variadas, á semelhança de pequenas lampadas electricas multicores, tudo encimado de meias piramides e certas figuras geometricas, desenhadas tambem a lusinhas de côres ligando-se áquele simulacro de gaiola uma outra na parte inferior, exactamente igual a esta outra, depois outra e assim su-

cessivamente, formando esse conjunto ou agregado de enormes gaiolas, presas umas ás outras, mas só a primeira sendo fechada na parte superior pelas piramides e desenhos geometricos acima citados, não deixando porém todas de terem os contornos onde deveriam estar os arames, delineados com pontos luminosos policromos, o que me dava uma impressão feerica, de verdadeira magia !

Aumentou mais o meu assombro o facto de ter a impressão que todo este agregado de gaiolas fantasticas, numa das quais me julgava metido, não estava fixo, mas sim ora descia em vertiginoso andamento, ora subia tambem com igual velocidade, mas sempre ligadas umas ás outras, tal é qual como os alcatruzes de qualquer nora. Pareceu-me que isto durou muito tempo, quer dizer alguns dias, mas quasi de repente, cessou tudo, e olhando em redor, vi que me encontrava exactamente na enfermaria, na mesma cama e local que antes destas sensações.»

*

* *

Mas aquelas que avultam, sobretudo, na *Historia dum Louco* são as cenestesicas.

A' custa da sua influencia quasi constante, se caracterisou a psicose de A. M. Irrompendo tumultuariamente do humus organico, carregaram a materia prima com que se foi enredando, largo tempo, a trama ideativa.

Elementares, ao inaugurar-se a doença;

complexas, nas etapas subsequentes, conseguiram, por fim, tocar o zenite, alterando os fundamentos da personalidade e atirando-a para as encruzilhadas, donde só se enxergam os horisontes sombrios. E depois de tudo baralhado e sacudido e anarquisado, estavam assentes os solidos alicerces dum metabolismo duradoiro. Em verdade, a metamorfose operou-se: da crisálida se evolou a psique, para encetar o percurso interminavel da sua Rua de Amargura. Numa palavra: as mais desabaladas perturbações da cenestesia ocasionaram a transformação corpórea em espírito, adicionando esta a si, correlativamente, o delírio de imortalidade. Transcrevendo algumas passagens significativas, prova-se o que deixo acima dito.

«Pareceu-me num dado momento, ter tido uma congestão».

«Julguei sentir o meu rosto começar a mirrar de ambos os lados e apertar-se, a comprimir-se cada vez mais; o mesmo me parecendo sentir nas mãos».

Ideias delirantes

Exposto, pela hereditariedade, aos vendavais do sentimento vital, não admira que pululassem ideias desvairadas, em torno duma penosa emoção.

De princípio, a consciencia, velada apenas de translucida neblina, ainda tentou reagir; mas depois, vítima impotente da constituição psicopática, foi-se, pouco a pouco, enchendo de sombras.

Convulsionado o fundo cenestésio-afectivo, logo á superfície ascendeu a vasa, redemoinhando e perturbando o socego e a harmonia.

Desfalcados os globulos rubros, insuficientes os processos biologicos da assimilação e desassimilação, o organismo de A. M. empobreceu; e os centros nervosos, de inferior ou superior hierarquia, prodigos em deitar fóra os materiais regenerativos, desandaram a fazer oscilações amplas, intensas, arrítmicas e assinergicas.

Ao vibrante apêlo da esfera emocional, acorreram, pressurosos, os componentes do

nucleo do novo psiquismo, agregando-se-lhe outras sínteses que mais comprometiam a suprema unidade antiga.

Se era pequeno o círculo onde as ideias proliferavam, compensadoramente o seu numero era grande. E todas aquelas, de natureza adequada ao complexo primordial, acamradavam-se, complicando o sistema.

A rêde ideativa teceu-se, na maioria das situações, sob uma logica aparente.

As ideias delirantes não se associaram tão vagarosa e frouxamente, como é vulgar acontecer nas distenías análogas. Mesmo ao longo da fase de mutismo, elas ostentaram, num episodio de flagrante contraste, uma certa vivesa ruidosa. Só em raras intermitencias crepusculares, se enfraqueceu o poder de coesão dos pensamentos, alimentados pelas impressões mesologicas e varias associações interiores a que presidiu sempre o forte monoideismo da psique de A. M., traduzido na sua predilecta representação final.

Quando passavam o limiar da consciencia, os delirios já se haviam banhado na tinta

dum carregado pessimismo. E o seu colorido escuro era tão desolador, que, se não fosse o pronto socorro de algumas ideias inibitorias, a ideia-directriz precipitaria A. M. no abismo do total aniquilamento.

*

* *

Uma ideia de culpabilidade abriu a scena, não faltando a acompanha-la o esboço duma das mais vivas tendencias do psiquismo de A. M.: ampliar tudo quanto fosse adaptavel á sua finalidade triste. E' o que se dedus desta confissão:

«Convencido que nada conseguia para restabelecer a boa ordem, claresa e regularidade na escrita, começou a sua desorganização a tomar no meu espirito proporções muito maiores do que na realidade tinha.

Julguei-me achar metido num bêco sem saída, numa especie de camisa de onze varas».

*

* *

Mas como se encontrava ainda num estado flutuante de inconsistencia, a auto-acusação não tomou, desde logo, corpo definido;

antes uma forma persecutoria passiva se deli-
neou, avolumou e assentou arraiais, mostran-
do, a espaços, catadura tetrica :

«Ocorreu-me que o sócio gerente e o profissional que me substituisse, se levantariam em acusadores contra mim, socorrendo-se por fundamentos não terem, em alguma (rarissima) rasura que eu, para resolver qualquer engano que tivesse cometido, houvesse feito em algum livro auxiliar, ou em qualquer estorno».

«Imaginei que êle poderia colocar-me numa situação desgraçada, dizendo que eu o (dinheiro) havia recebido e não dera entrada da importancia na caixa».

«O gerente, quando me fitava, o fazia com olhares ameaçadores».

«Esperava a todo o momento ser morto».

*
* *

Duma falsa percepção de origem muscu-
lar, reforçada pela auto-sugestão — fenome-
no muito frequente nas distimias — proce-
deu a seguinte primeira ideia hipocondríaca :

«...pareceu-me, num dado momento, ter tido uma con-
gestão, e isto pelo facto de ter sentido repentinamente
afrouxar-me a força da perna esquerda, tornar-se mais pe-
sada que a direita e arrasta-la um pouco».

*

*

*

A ideia de suicidio, apesar da tortura imensa de A. M., tinha a existencia efemera dum fogo-fatuo: mal aflorava, desaparecia num relance.

«Desalentado e quasi desesperado, até a ideia de suicidio me ocorreu ás vezes; mas, porque todas as mortes me parecia fazer sofrer muito, não sentia coragem para tal».

*

*

*

Com o tempo, a culpabilidade indirecta chegou ao termino da sua carreira ascendente, lá onde A. M. se declarou francamente auto-acusador, indo á memoria desenterrar, constricto, insignificantes culpas que a hyperbolia agigantava:

«Recordando erros faceis ou pequenas faltas da vida passada, tudo isso tomava na minha imaginação proporções enormes, avolumando-se espantosamente, de forma a começar a considerar-me a creatura mais nefasta e criminosa que jamais tinha aparecido no universo».

Vê-se, pela transcrição, que o sentimento, unido a um complexo remoto, emprestára ao delirio a forma catatimica.

*

* *

Se na *Historia dum Louco* é corrente encontrarmos a ideia de enormidade, em certas crises ela tanto se desenvolve, que, associada, ou não, a outra de character auto-acusativo, por necessidade intima tem de se reflectir sobre todo o mundo exterior.

Assim êle diz:

«Os transeuntes, ao depararem com a carnificina, indagariam logo do que se passava e sendo-lhes respondido que eu era o culpado, essa multidão se revoltaria contra mim, me arrastaria até á rua, me cortaria em pedaços, ou então me meteriam dentro duma grande peça de artilharia, á maneira de bala, e em seguida fariam fogo com ela que projectaria o meu corpo a grande distancia, reduzido a um montão de bocados».

E mais adiante:

«toda esta série ou cadeia de mortes e fatalidades se iria estendendo de terra a terra, de provincia a provincia, passando a fronteira, como se fosse epidemia, alcançando a Espanha, a França, a Inglaterra, a Europa inteira, a America, depois a Africa, enfim o mundo inteiro, produzindo-se como um antecipado fim do mundo».

*

* *

O delirio de transformação corporea foi um corolario do sindroma de Cotard.

A organização deste principiou com a interpretação erronea de fenomenos, dependentes da cenestesia alterada. A' medida que a doença avançava, melhor se coordenavam os elementos apropriados á sistematisação do delirio hipocondríaco negativo.

«devido ao esforço que empreguei — conta A. M. — julguei ter expellido o estomago com todo o seu conteudo, suco gastrico, etc».

«em presença das sensações violentas e estranhas, além de dolorosas, attribuindo-lhes uma causa ou proveniencia sobrenatural, eu me levantei desvairado da cama e gritei para minha irmã: «Ai? Aquele maroto, para se vingar de mim acaba de transformar-me em espirito! Estou desgraçado, nunca mais posso comer nem dormir, nem evacuar ou urinar».

*
* *
*

Reaparecidas as ideias de culpabilidade e solta uma tremenda agitação ansiosa, o delirio metabolico que marcou o fastígio da psicose de A. M., imediatamente se prendeu aos elos duma cadeia paralogica, para se converter, prestes, num delirio demonopatico..

«Entendi que em razão de ter sido em toda a minha vida um grande criminoso e continuar a sê-lo, esse espírito em que fôra transformado, não poderia deixar de ser um espírito maligno, por ventura obedecendo á vontade do demonio».

*

* *

Partindo dum principio erroneo, A. M. alcançou o delirio de immortalidade.

«Entendi que o fim seria meterem-me dentro, fechando-a em seguida, atirarem essa arca ao mar, onde ficaria eternamente boiando, visto julgar-me um espírito e não por isso, morrer».

Se a asfixia não seria capaz de lhe provocar a morte, tambem nenhum exito obteria qualquer intoxicação.

«Mesmo por este processo (de envenenamento), sendo um espírito, ninguem me conseguiria matar».

Interpretações delirantes

Dão talvez á *Historia dum louco* a sua característica mais frisante.

A cada passo, o curso ideativo segue uma trajectoria egocentrica. Sem duvida uma das

grandes tendencias de A. M. é referir a si, adaptando-os, quasi todos os phenomenos objectivos ou subjectivos que se lhe antolham. E tão forte se apresenta, que, longe de repelir, a psique íntegra na sua preferida constelação delirante qualquer successo exterior, por mais afastado que dela se ache no tempo e lugar. Com facilidade se realisa a operação — contanto que os elementos recémvindos afinem pelo diapasão do estado emotivo actual e se encarreire para a mesma finalidade. Quere dizer: ao construir solidamente o novo sistema, A. M. tira, duma realidade, falsas deducções sobre que baseia a sua convicção patologica.

«Como começava a supor estar numa casa misteriosa e êle (o enfermeiro) trouxesse a cara rapada de barba e uma tunica (tomeia-a por ela) branca, muito alva, e ainda porque o seu rosto fosse cheio e muito redondo, imaginei ser um anjo que viesse talvez a salvar-me das mãos sinistras em que julgava ter caído».

«A alimentação forçada a que estava submetido seria uma mistificação, eu afinal nada ingeriria, pois o leite nada seria, não passando de uma cura illusoria e de pura magia, por estar numa casa fantastica».

«Pensei que o pateo onde me encontrava seria o Purgatorio, por ver nêle, ás vezes, alguns alienados com o

colete de forças vestido e outros com as mãos atadas (os agressivos, é claro); além disso uns chorando, outros gritando, etc.; e que o outro pateo seria o Ceu, para onde seriam conduzidos, depois de purificados pelo sofrimento os que se achavam no recinto onde eu me encontrava».

Astenia

Sómente no inicio e fecho da sua *História* se lhe referiu A. M.

«estava emagrecendo e enfraquecendo-me notavelmente, não obstante comer bem».

«As minhas forças sofreram certa depressão.»

Tendo sido a psicose muito desordenada, a atenção, presa hora a hora de fenomenos internos e externos, não colhia vagatura para se aperceber da diminuição progressiva da força muscular. O certo, porém, é que ela existia, ocasionada pela dôr moral, o enervamento e a agitação — três capítulos preambulares do longo estadio silencioso.

A astenia criou em A. M. uma disposição especial a aceitar facilmente as ideias de influencia, acabrunhantes e pessimistas.

Autocritica

Aferrado, como se fôra uma verdadeira obsessão, á dôr moral primitiva que originou a doença, alimentando-a sem o mínimo lapso de continuidade, êle nunca poudes formar juiso da sua morbida situação. Nem quando a psicose ainda preludiava hesitante, nem mesmo quando o confessor amigo tenta aplacar-lhe a tempestade, se reconhece transtornado nas operações mentais, porque declara abertamente :

«entendi que todas essas palavras de animo e conforto, destinadas a apagar no meu cerebro as ideias fantasistas que o tomavam, não eram applicaveis ao meu caso».

E noutra passagem :

«Minhas irmãs mais uma vez tentaram socegar-me, dizendo ser tudo ilusões, e que cada vês estava mais louco ; mas, como sempre, foi inutil».

Simbolismo cabalístico

Nas fases de inquietação e temor, coisas de somenos importancia tornam-se cativas da sua egocentricidade, estimulando-lhe a

vida psíquica no sentido de se constituírem bisarras associações de imagens, ideias e sentimentos. Basta uma linha sinuosa, um gesto casual, uma atitude corriqueira, ou qualquer outra ninharia, para lhes atribuir um significado terrífico contra si mesmo, fazendo logo entrar esses sinais misteriosos no seu sistemático delírio persecutorio. E como a relação de todos os elementos coordenados é persistentemente estreita é mútua, crê-se haver êle nascido em terreno paranoico.

Eis, a seguir, algumas das simbólicas representações egocêntricas de A. M.:

«Parecia-me tanto os automóveis que passavam na rua onde morava, como os eléctricos, levarem andamento vertiginoso e as suas businas tinham o som rouco; e estes casos extraordinários attribuia a avisos do fim próximo do mundo ou a uma espécie de intimações de espíritos».

«Quatro pintas vermelhas que eu julgava ver numa das faces de minha irmã, significavam que ela era um espectro».

«Olhando para os troncos dos plátanos, imaginava, em rasão das malhas e manchas de côr que nos troncos desta espécie de árvores se notam, e lhes dão a aparência de pele de cobra, ser isso indício de que este pateo per-

tencia a qualquer habitação de supostos poderes sobrenaturais».

«Depois de deitado, ouvi 3 palmadas seguidas, com grande força, dadas por um doente; mas eu tomei-as como indicativo de ser chegado o momento da minha expiação».

«Reparei que nela (a parede) existiam alguns traços em zig-zags (eram feitos pelos doente) e pensando no que isso deveria significar, supuz que as faíscas electricas, pôr ocasiões de trovoadas, despedidas das nuvens, não saíam delas, mas eram aqui fabricadas; e noutra parede existiam tambem desenhadas coisas exquisitas (esboços fantasiados por alienados), tomei isso como indicativo de que coisas de magia aqui sucediam».

Saturação ideo-emocional

Influenciando-se mutuamente, pensamentos e alucinações apavorantes sacudiam com violencia a psique de A. M.

Mas no dia em que, por se considerar o exterminador do Universo, aguardava ser

«linchado e queimado em fogueira pela populaça, tendo incorrido no desagrado e abandono de Deus e receando, por isso, da vida de alem-tumulo»,

a crise de agitação ansiosa, com seu cortejo alucinatorio-delirante, aproximou-se do apogeu.

«Todos estes pensamentos agravavam cada vez mais a enorme agitação e o estado quasi febril em que me encontrava».

«Não estava bem de forma alguma, andando num frenesi constante».

Marcou o termo do processo preparatorio da saturação uma desordem da sensibilidade objectiva:

«uma forte corrente ou choque electrico como nunca havia sentido».

Associada a uma alucinação auditiva, revolucionou todo o seu ser psiquico, determinando o delirio metabolico da personalidade que foi o expoente supremo do estado ideomocional. Inteligentemente o reconheceu A. M.:

«chegára o momento mais critico da minha psicose».

Perto de quatro dias, o ciclone tornou-lhe o espirito

«como que velado e nebuloso»,

abrindo nele, para sempre, uma descontinuidade mnésica.

Perturbações da actividade

Foram muitas e variadas as desordens nas funções centrifugas.

Inaugurou-as o enervamento, mal a ideia recriminatória invadiu a consciencia. Veiu, em segundo lugar, a agitação que se fez companheira inseparavel da ansiedade.

Houve ligeiros transtornos em atos do mais simples tipo reflexo e outros, de forte acentuação, nos de mecanismo psicomotor bastante complicado.

A capacidade volitiva teve graus diversos no seu potencial, diminuindo ás vezes tanto, que chegou á perda da vontade de ação. Os intermediarios ídeo-emotivos, nas lutas inibitorias, sofreram diferente sorte — alcançando, ou não, o triunfo.

Na maioria dos casos, os fenomenos reacionais eram unísonos com o tom dos erros psico-sensoriais, dos pensamentos delirantes e, sobretudo, da affectividade; mas naquele transe em que a inibição dos movimentos ganhou o ponto maximo, deu-se uma impressionante desarmonia.

As duas reacções dolorosas — ativa e passiva — alternaram com frequencia.

Acusou rebaixe o trabalho glandular e visceral.

Não deixaram de se manifestar os raptus fobicos onde a ponderação do estímulo psíquico desaparecia ante a irresistível tendência á reflectividade instintiva

Mutismo

O prenuncio deste sintoma que num futuro proximo subiria ao ápice, já vinha dos primeiros tempos da psicose.

Uma ideia triste, ainda esfumada no limiar da consciencia, era a célula-mater, o nucleo gérador de todos os componentes da nova entidade patologica, prestes a definir-se.

Durante essa fase preparatoria, reinava o silencio inquietante. Depois, quando a ideação e a affectividade em desordem lhe escureceram a lucidez, A. M. teve de quebrar a reserva íntima, para gritar a sua formidável dôr moral.

Um dia, porém, exgotado, mordido pelo remorso, julgou-se

«a criatura mais nefasta que jamais tinha aparecido no universo»,

e, receando o castigo dos homens e a expiação eterna, a sua eloquencia tragica reduziu-

se ao lastimavel estado de mussitação e, por fim, ao mutismo absoluto.

Este notavelmente se impõe ao analista da *Historia dum Louco*, mercê de dois motivos: a sua longuíssima duração de três anos e a invulgar atividade intelectual que o acompanhou e quasi sempre se mostrou intensa.

Sitiofobia

Outro sintoma que merece comentario, é a recusa de alimentos.

Apenas se revelou o delírio de transformação corpórea, ela surgiu imediatamente, radicando-se de princípio, com energia, na síntese mental prevalente que as palavras de A. M. denunciam:

«não podendo mais que *ver, ouvir e audar*, formei desde logo o proposito de não mais comer».

O negativismo sitiófobo persistiu largos anos, com tenacidade e vigor, até ás primicias da convalescença.

Todavia, essa reação oposicionista não lhe affectou a economia vital, pois que a contrabalançar o prejuizo dela resultante, houve o

concurso de preciosos auxiliares da ressurreição psíco-organica de A. M.

Evolução

A doença percorreu um longuíssimo espaço de quatro anos.

Assinalaram-lhe a marcha ondulações de variada especie e quantidade. Crises de paroxismo alternaram com a depressão, sem esta nunca se esbater em paragens remissivas.

Fase terminal

Não foi abrupto o epílogo da doença, narrada na *Historia dum Louco*: fez-se, ao contrario, por lisis — descendo gradualmente. Quasi todos os sintomas se extinguiram de vagar, até alvorecer a cura. Os mais renitentes foram a sitiofobia, a amiostenia e a anideação.

Diagnostico

Da analise, aplicada á *Historia dum Louco*, ressalta a definição da psicose que lhe serviu de tema.

Os três acessos que a precederam, separados por largo tempo de lucidez, fazem-na incluir no grupo nosológico das melancolias cíclicas intermitentes.

É bem autónoma, para descer á categoria de síndrome. A dor moral motivada, a astenia secundária, as depressivas ideias delirantes e a terminação em lisis fundamentam-lhe o diagnóstico de melancolia verdadeira.

É como pela sua excepcional duração, opulencia de sintomas e complicações não pode pertencer a nenhum dos sub-grupos das formas especiais, a psicose de A. M. realisa um tipo estranho da melancolia-máior.

Conclusões

a) A *Historia dum Louco* é mais uma prova de a psicalgia servir de base primordial á melancolia-máior.

b) A suspeita heredo-sífilis e outros factores degenerativos acumulados contribuíram sobremaneira, para preparar um terreno psicopático, adequado ao desabrochar duma doença de aspecto clínico interessante. Daqui

se infere: um melancólico, quando os erros psíco-sensoriais são múltiplos e os delírios, em vez de se mostrarem simples, monótonos e comuns, ostentam riqueza, hiperbolía, egocentricidade e sistematização, possui uma constituição paranoica.

c) Nem sempre uma alucinação tátil consegue apagar uma alucinação visual.

d) Apesar do mutismo, sobrecarregado, a espaços, de crises de estupor, a actividade intelectual de A. M. foi intensa. Não se deve, pois, continuar a afirmar que o movimento associativo das ideias nos melancólicos, ainda os mais silenciosos, é muito frouxo ou se suspende. A aparente estagnação deriva apenas do enfraquecimento da esfera volitiva, reforçado pela tendência a esconder os seus pensamentos dolorosos.

e) A *Historia dum Louco* corrobora eloquentemente a asserção de que a memória dos melancólicos se conserva íntegra, a não ser, após as fases de torpor em que ela se impossibilita de relacionar com precisão os factos passados. Quere dizer: não obstante a sua concentração monoideista, a psique

melancolica nunca se desinteressa, por completo, dos sucessos ambientes. De sorte que, ao recorda-los, os engramas ressurgem ple-nos de euforia.

f) Tambem a *Historia dum Louco* demonstra que, embora seja bastante sombrio o quadro sintomatologico dum melancolico, é licito haver esperança na sua cura.

g) A. M. tornou-se imortal, depois de profundas perturbações cenestesicas, originadas em orgãos de importancia maxima para a sua existencia. Assim se formou um complexo que, despertando o instinto de conservação, associou a si, por contraste, fortes elementos duma síntese cuja finalidade se traduziu na ideia delirante da vida eterna.

Em summa, poder-se-ia talvez estabelecer a seguinte lei psicopatologica:

Nos melancolicos, quanto mais se altera a cenestesia, mais se aproxima o delírio de imortalidade.

Junho — 1926.

Luís Cebola





RÓ
MU
LO



CENTRO CIÊNCIAS VVA
UNIVERSIDADE COIMBRA

1329687741

Obras de Luiz Cebola

PUBLICADAS:

A Mentalidade dos Epilepticos.....	Esgotada
Almas Delirantes, 1 vol. ilustrado.....	15\$00

EM PREPARAÇÃO:

A Mimica e os Pensamentos dos Loucos